

(in)formação

PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA

NÚMERO 12 / MAIO 2017



(cultura indígena)



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

José Renato Nalini Secretário da Educação
Francisco José Carbonari Secretário-Adjunto
Marília Marton Chefe de Gabinete
Carmen Lúcia Bueno Valle Coordenadora Geral do
Programa Escola da Família (PEF)

Equipe Técnica

Cleonice Vieira da Costa, Daniela de Jesus Falcione Goes e
Rubia Carla do Prado

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

João Cury Neto Presidente
Antonio Henrique Filho Diretor de Projetos Especiais
Devanil Aparecido Tozzi Gerente de Educação, Cultura e Cidadania
Ana Maria Stuginski Chefe do DIEC – Departamento de Integração
Escola Comunidade / Operacionalização do PEF

Equipe Técnica

Ataulfo Santana, Elisabete Barlach, Hamilton Ricardo Santos Souza,
Ivânia Paula Leite Barros de Almeida, Lúcia Mara Mandel e
Thelma Kassner Calil Jorge

Supervisão de Assuntos Institucionais

João Batista Domingues da Costa Supervisor
Luiz Thomazi Filho Revisão de Texto
Glauber De Foggi Projeto Gráfico

Caro Educador,

convidamos você a adentrar esta edição, a respirar a cultura de nossos irmãos indígenas e a conhecer o fluxo migratório dos pan-cararés, aticuns, fulniô, cariris-xocós, que são moradores de regiões da capital metropolitana, São Paulo.

Mais adiante, a encantar-se com a bravura de Vanuíre, indígena pacificadora e contadora de histórias de seu povo, que, com essa prática, conseguiu preservar a identidade dos caingangues.

E embrenhando-se por assuntos que esta edição nos apresenta, será possível chegar ao projeto arquitetônico das escolas indígenas, realizado pelo setor de obras da FDE. Nesta paragem, conhecerá como é pensada a arquitetura para este tipo de escola e o que é levado em conta, na hora de projetá-la. Não esquecendo que a escola indígena é também um espaço mais sistematizado de



Imagem: <http://www.oagenteliterario.com.br/portfolio/taisa-borges/>

perpetuação da cultura dessas etnias.

Sigamos adiante para outras páginas! Você também poderá conhecer a trajetória de vida de Darci Ribeiro e saber por que ele se tornou referência na defesa dos direitos dos povos indígenas.

Deixe-se encantar pela sensibilidade do povo Terena e descubra como um de seus representantes, Irineu N'jea, defende a identidade de seu povo.

Reveja o conceito de “caminhar”, à luz de um projeto que vem ganhando vários caminantes em todo o Estado. Aproveite para alongar-se até chegar à página do artesano, feito por um grupo de mulheres de Diadema que faz dessa arte uma alternativa para melhorar a renda familiar.

Ao caminhar por esta publicação, será possível que sinta o cheiro de mato, de frutos e flores e, quem sabe, imaginar-se ajeitando o juquiá, o cacuri e o jereré, sobre uma grande pedra, para banhar-se e brincar na cachoeira que desce até um igarapé.

Aproveite!

Boa leitura!

E que o indígena que vive em você seja despertado!

Ana Maria Stuginski

Chefe do DIEC/FDE

SEÇÃO 1 **CONHECER E APRENDER**

- 3 Um recorte das comunidades indígenas em São Paulo
- 8 O indígena na região de Tupã
- 12 A escola indígena que nasce entre bananeiras, bromélias e igarapés

SEÇÃO 2 **NOSSA GENTE**

- 22 O indígena que vive em mim
- 30 Curiosidades sobre os indígenas brasileiros

SEÇÃO 3 **ARTIGOS**

- 34 Darcy Ribeiro, um indianista apaixonado por educação e política
- 42 Protagonismo indígena: olhar terena para uma nova história

SEÇÃO 4 **COMUNIDADE LEITORA**

- 52 A literatura indígena nos dias de hoje
- 56 Caminhando pelas páginas de Olívio Jekupé
- 58 Mito de Origem do Povo Terena
- 59 I – Juca Pirama - Gonçalves Dias (1851)

SEÇÃO 5 **VALE MUITO!**

- 62 I Encontro Regional da Educação Escolar Indígena Professor Edevaldo Cotui
- 64 Brincadeiras tradicionais da cultura guarani no PEF da Escola Indígena – Djekupé Amba Arandy

SEÇÃO 6 **ACONTECE NO PEF**

- 68 O PEF em ritmo de Carnaval - Tamborins aquecidos!
- 70 Projeto de sustentabilidade é reconhecido pela Unesco
- 71 Caminhantes do PEF
- 73 Carnaval de Marchinhas

- 74 Hora de reabrir os portões para as comunidades
- 76 Com a palavra: Coordenação Regional de Suzano
- 78 Cursinho prepara o ENEM e vestibulares
- 80 Dia Internacional da Mulher
- 81 Governador visita Oficina de Sabonete Artesanal
- 83 Luta de Braço: pela formação de nossos jovens
- 85 Programa Escola da Família – local de aprendizagem, criação e diversão
- 86 Artesanato que reaproveita

SEÇÃO 7 **COORDENADAS**

- 88 10 passos para o ensino da história indígena

SEÇÃO 8 **A PALAVRA É SUA**

- 94 Programa Escola da Família: quem passar por ele nunca mais será o mesmo!
- 95 Ex-educador universitário emociona a Diretoria de Votuporanga

SEÇÃO 9 **O PEF NA MÍDIA**

- 96 Escola faz direitos das mulheres virarem matéria
- 98 Programa Escola da Família retoma atividades em Mogi das Cruzes
- 100 Inspire-se em projetos da Escola da Família e saiba como ser um voluntário
- 102 Serra Negra promove curso gratuito de produção de ovos de Páscoa
- 103 Cursinho gratuito forma alunos e cidadãos em Ribeirão Preto
- 106 Diretoria de Ensino de Apiaí promove posse dos Grêmios Estudantis na Câmara Municipal

SEÇÃO 10 **FECHE LITERÁRIO**

- 107 A gênese pelos guaranis

Um recorte das comunidades indígenas em São Paulo

(Referência: junho/2005)

PESQUISA DE THELMA KASSNER KALIL JORGE (TÉCNICA/FDE)



Fotos: Carlos Penteado

Comissão Pró-Índio de São Paulo.

Muitos ainda acreditam que o índio (**indígena**, *grifo nosso*) só é índio (**indígena**, *grifo nosso*) enquanto vive no “meio do mato”; se ele vai morar na cidade, deixa de ser índio (**indígena**, *grifo nosso*). Infelizmente, grande parte da população brasileira ainda tem em seu imaginário a figura do índio (**indígena**, *grifo nosso*) como um ser “exótico” e “selvagem”, e desconhece a enorme diversidade de povos indígenas existentes em nosso País.

Dos cerca de 700 mil indígenas que vivem no Brasil, metade vive em Terras Indígenas (TI); a outra metade se encontra dispersa em áreas urbanas.

Na Região Metropolitana de São Paulo, além dos guaranis, vivem dezenas de comunidades indígenas de **etnias originárias de diversas regiões do País**, sobretudo de regiões com baixo índice de desenvolvimento huma-

no, como do Semiárido Nordeste e do Estado do Mato Grosso do Sul. Vivem em condições precárias, sem acesso a serviços adequados de saúde e educação, sem moradia digna e sem condições de plena vivência de suas identidades culturais.

No município de São Paulo, encontram-se três terras indígenas guaranis: Jaraguá, Krukutu e Tenondé Porã.

Além dos guaranis, vivem na **Região Metropolitana** de São Paulo os pancararus, os fulniôs, os pancararés, os aticuns, os cariri-xocós, os xucurus, os potiguaras e os pataxós.

Além dos povos indígenas do Nordeste, encontramos vivendo em São Paulo, membros dos povos terena (vindos do Mato Grosso do Sul), xavante (do Mato Grosso) e caingangue (da região Centro-Oeste de São Paulo).

PANCARARUS

Formaram vários núcleos populacionais em diversos bairros da periferia da Grande São Paulo. Atualmente há cerca de 450 famílias pancararus vivendo no Estado de São Paulo, cuja maioria se concentra nos bairros do Real Parque, zona sul (150 famílias), e Jardim Elba, zona leste (50 famílias). De acordo com a *Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo*, atualmente os pancararus se encontram em cerca de 40 bairros, entre os quais Parque Santa Madalena, Capão Redondo, Campo Lim-

po, Santo Amaro, Paraisópolis e Grajaú, bem como nos municípios de Embu, Guarulhos, Taboão da Serra, Osasco, Carapicuíba, Francisco Morato, Mauá e São Caetano.

Os pancararus que residem em São Paulo estão divididos em duas organizações: a *Associação Indígena SOS Comunidade Pankararu* e a *Associação Indígena Comunidade Pankararu da Zona Leste*. Graças à luta da *Associação Indígena SOS Comunidade Pankararu*, hoje os de São Paulo são reconhecidos pela Funai e pela Funasa e recebem assistência específica. Depois de muita negociação por melhores condições de habitação, os pancararus do Real Parque conseguiram dois prédios do projeto habitacional Cingapura, nos quais moram atualmente 24 famílias (12 em cada prédio).

O restante dos pancararus continua espalhado na favela, onde falta saneamento básico, e os barracos são mal construídos e pequenos, onde vivem duas ou três famílias. A maioria dos pancararus vive de “bico” e não tem carteira de trabalho assinada.

FULNIÔS

Os fulniôs são um dos povos indígenas do Nordeste que conseguiram preservar sua língua. Entre eles falam o iatê, do tronco linguístico macro-jê. Os fulniôs moram em São Paulo, em bairros das zonas leste, norte e sul, e

nos municípios de São Caetano, São Bernardo do Campo, Carapicuíba, Taboão da Serra e Guarulhos.

Dois grupos, um do município de Carapicuíba e o outro da zona norte da capital, estão desenvolvendo projetos de geração de renda com financiamento da **Carteira Indígena** do Ministério do Meio Ambiente e do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Esses projetos foram iniciados em fevereiro de 2005 e envolvem diretamente 26 indígenas.

No bairro do Jaçanã, na zona norte da capital, com o apoio da **Carteira Indígena**, os fulniôs estão produzindo artesanato, bonés e camisetas. Este projeto envolve também os fulniôs de Pernambuco, que fornecem a matéria-prima para a produção do artesanato.

ATICUNS

A Terra Indígena Aticum situa-se no município de Caraubeira da Penha, no sertão pernambucano, e foi homologada em 1996, com uma área de 16.290 ha, onde viviam cerca de 2.744 indígenas (Cimi/2004).

A presença de posseiros na área, a violência e a insegurança decorrentes do tráfico de drogas na região são alguns dos principais problemas que a comunidade vem enfrentando. Ainda não há um levantamento preciso sobre o número de aticuns que vivem na Grande São

Paulo. Na zona norte de São Paulo, no bairro de Santana, vivem duas famílias.

CARIRI-XOCÓS

Os cariri-xocós são originários da região do Baixo São Francisco, no Estado de Alagoas. Cerca de 1.734 indígenas vivem na Terra Indígena Cariri-Xocó, situada nos municípios de Porto Real do Colégio e São Braz.

Ainda não há um levantamento do número de famílias cariri-xocós que vivem em São Paulo. Algumas estão morando na zona norte. Nenhuma dessas famílias possui casa própria.

PANCARARÉS

São um povo indígena originário do sertão da Bahia. Sua população soma atualmente cerca de duas mil pessoas, distribuídas em duas terras indígenas, no município de Nova Glória: a TI Brejo do Burgo, com área de 17.924 ha, e a TI Pancararé, com 29.597 ha.

Apesar de essas terras já terem sido homologadas, ainda é grande a presença de posseiros dentro da área indígena. Na TI Brejo do Burgo, há aproximadamente 470 famílias de posseiros. Na TI Pancararé, os posseiros têm-se negado a receber o valor proposto pela Funai para as indenizações (Cimi/2004).

A vinda dos pancararés para São Paulo, em busca de trabalho, iniciou-se no período da grande seca, em 1955. Desde então há um constante fluxo migratório entre seu território de origem e a Região Metropolitana de São Paulo.

Em São Paulo, os pancararés moram principalmente em bairros da zona leste (São Miguel e Itaquera) e nos municípios de Osasco e Guarulhos.

POTIGUARAS

Na zona leste da cidade de São Paulo vivem seis famílias potiguaras e, na zona sul, residem três famílias. Diferentemente da grande maioria dos indígenas da Grande São Paulo, essas famílias possuem casa própria e todos estão empregados.

TERENAS

No município de Mogi das Cruzes vivem 20 famílias terenas que migraram da Aldeia Bananal, no Mato Grosso do Sul. Esse grupo, na década de 1980, fundou a Associação Indígena Kopenoti. Segundo seu atual presidente, Goalberto José, um dos propósitos da associação “é ajudar quem vem de aldeia para se estabelecer”.

Na cidade de São Paulo e no município de Suzano também vivem famílias terenas. Como conta Sátiro Terena,

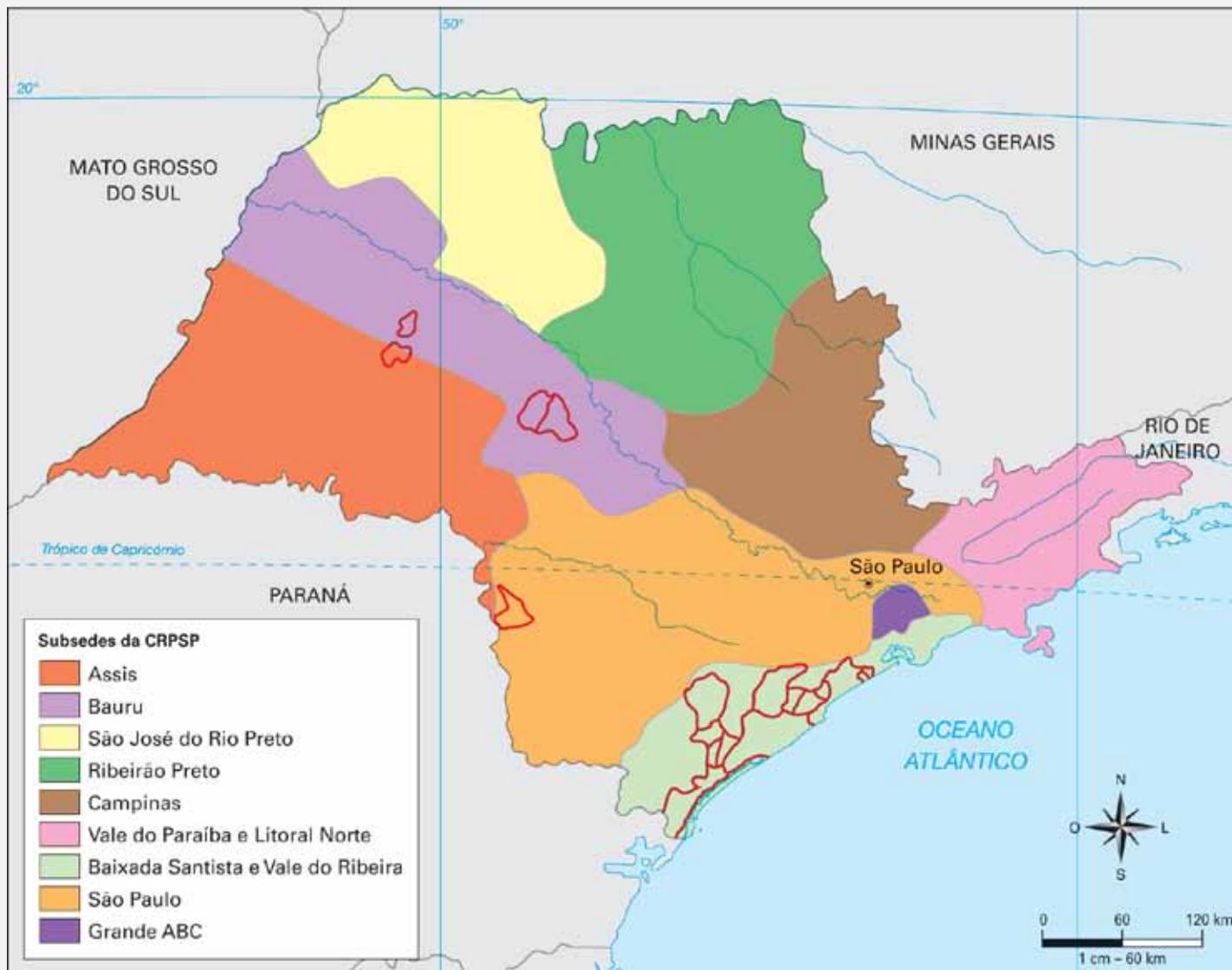
alguns migraram em busca de trabalho, outros procuraram concluir seus estudos.

CAINGANGUES

Os caingangues são um povo pertencente à família Jê e estão localizados em terras ao longo dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na região Oeste do Estado de São Paulo vivem cerca de 150 pessoas dessa etnia, distribuídas em três terras indígenas: Vanuíre, Icatu e Araribá, sendo que a maioria (79 caingangues) vive na TI Vanuíre.

Fonte: <http://www.cpisp.org.br/indios/pages/relatorio-IndiosSP.pdf>

INDÍGENAS NO ESTADO DE SÃO PAULO



CRPSP – Conselho Regional de Psicologia do Estado de São Paulo

Fonte: <http://sanderlei.com.br/img/Ensino-fundamental/Sao-Paulo-Historia-Geografia-31-02.jpg>

O indígena na região de Tupã

PAULO JOSÉ DE OLIVEIRA SILVA*

No início do século, animais selvagens e índios conviviavam numa disputa natural pela sobrevivência. A vida seguia seu rumo, com a maior naturalidade. Mas as árvores, os bichos e os índios não sabiam que, já no final do século passado, grande parte destas terras tinha sido doada para expansão da ocupação e para imprimir o desenvolvimento.

No começo deste século, índios eram os “donos” deste chão. Viviam da caça abundante e da pesca, proporcionadas pela mata fechada e pelos rios límpidos e profundos. Nada parecia querer mudar essa rotina. Sob a noite de breu, no meio da selva, a índia Candira ficava pensando nos seus antepassados, sem nenhuma preocupação com o futuro. Mas, nas noites de temporal, ela se assustava com o barulho na selva, principalmente porque já tinha ouvido falar de muitas histórias sobre o perigo dos relâmpagos.

Literalmente, pode-se dizer que a velha Candira foi a última herdeira original desse pedaço de chão, que um dia já foi de propriedade única e exclusiva de seu povo. Mas a chegada do homem branco veio para modificar os



Vanuíre, a indígena pacificadora.



destinos dela e de seus companheiros. Foi inevitável o confronto. O fogo começou a dizimar a selva, os bichos começaram a desaparecer, os índios foram perdendo o terreno. E muitos de seus membros também desapareceram misteriosamente, ao longo do tempo, principalmente os que resistiam mais tenazmente ao avanço do branco.

Que estranho ser seria esse, que vinha avançando sobre o espaço dos outros, sempre muito bem armado e com uma disposição incrível para tomar as coisas dos outros? Bem que os caingangues tentaram resistir, enquanto tribos inteiras já haviam sido dizimadas. Para os brancos eles eram o terror. Afinal de contas, todos sabiam que a gleba pertencia à Fazenda Nova Guataporanga.

Os índios caingangues teriam sido todos mortos, na região, não fosse a chegada de uma índia, chamada Vanuíre, uma mulher já experiente e madura, vinda de uma aldeia caingangue no Paraná. Ela adotou o hábito

de relatar, entre seus companheiros, cantos e cantos, lendas e histórias, visando convencer os índios a não resistirem. Desgostosa com as guerras entre brancos e índios, e percebendo que estes levavam sempre a pior, ela resolveu fazer a pacificação.

Conta a história que, certo dia, quando Vanuíre estava com um cesto, na copa de um pé de jequitibá, surgiu, de uma picada que conduzia ao Rio Feio, um grupo de índios cujo chefe era Iacri, considerado o mais poderoso da região. O chefe e seus companheiros ficaram acampados por vários dias, e depois convidaram os brancos para acompanhá-los até a aldeia. Vanuíre buscava sempre fazer o papel de mediadora entre brancos e índios. Era o momento da conciliação. A colonização branca estava selada.

Os brancos ocuparam definitivamente o território. E teria sido impossível realmente resistir. O fogo varreu a



selva, a lavoura começou a empurrar, cada vez mais, os caingangues para um canto do território, onde estão até hoje os seus remanescentes, que vivem uma vida relativamente tranquila, embora tenham sido obrigados a aderir ao trabalho e ao dinheiro para sobreviverem. Mania de homem branco.

Convivendo juntamente com os crenaques, que são índios oriundos de Resplendor, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, os remanescentes caingangues dão mostras de que estão em busca da identidade cultural perdida no correr deste século e reivindicam maior espaço geográfico para sua reserva indígena, alegando que foram esbulhados naquilo que lhes pertencia.

Ademir Conechu, neto do temível cacique Iacri, é hoje uma das jovens lideranças da comunidade indígena da Aldeia Vanuíre, de Arco-Íris, e está participando de ativi-

dades que visam ao resgate da cultura caingangue, que quase desapareceu com a invasão do homem branco.

Sobre o contato entre os primeiros colonizadores e os índios caingangues, podemos dizer que além dos fatos relatados, obtivemos algumas informações de pioneiros, que citam alguns casos curiosos referentes ao contato ocorrido com os remanescentes dos primeiros habitantes da terra.

No relato da família Digigow, búlgaros que se instalaram na Fazenda Santa Estela, no final dos anos 1920, há a seguinte citação: “Nesta época, como Tupã ainda não existia, meu pai saía de Granada (vilarejo) para fazer compras em Quatá, a cavalo; passava por esta região onde só havia índios, que só o deixavam em paz se recebessem presentinhos como espelhos e outras bugigangas”.

Joaquim Abarca, que veio para Tupã em 1929, de Monte Azul Paulista, para tomar posse de terras que ha-

via comprado entre a Vila Abarca e Universo, teve contato com os índios e com eles trocava doces e outros objetos, como arco e flecha.

A família dos Gavelha, que veio para Tupã em 1929, direto da Espanha para o Bairro Jaraguá, adquiriu propriedade para cultivar café e manteve contato com os caingangues. Dizem que no ano 1932 foi pedido a um padre de Herculândia que fosse até a fazenda celebrar uma missa. Aproveitando a oportunidade, os índios que estavam em fase de civilização, pelo tenente Bandeira, foram batizados por ele, que se tornou padrinho de vários nativos.

Josef Exner diz que os índios eram muito curiosos e lembra que uma índia vinha visitá-los com um macaco na cabeça, entravam dentro de casa, iam até o fogão e destampavam as panelas. Seu pai dizia que os índios brasileiros eram mais bonitos que os índios argentinos. Não mexiam com as pessoas, e, em 1918, época da gripe espanhola, entravam com febre no Rio Feio e morriam afogados. Morreram muitos índios nessa ocasião. Eles comiam cana e mandioca. Quando ele ia fazer compra em Glicério, passava pela aldeia deles e era muito bem tratado, depois ia até o perobal, onde descansava.

* Paulo José de Oliveira Silva

Formou-se em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Tupã (Fafit) e em Direito pela Faculdade de Direito da Alta Paulista de Tupã (Fadap).

Servidor público da Câmara Municipal de Arco-Íris.

Colabora em órgãos da imprensa de Tupã.

Realizou pesquisa para o livro *Corações Sujos*, do jornalista Fernando Moraes.

Também foi pesquisador do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre (Tupã).

É membro da Academia Tupãense de Letras, Ciências e Artes de Tupã (Atleca).



PARA SABER MAIS...

MUSEU ÍNDIA VANUÍRE

Conheça-o e faça um passeio virtual pelo museu:

<https://www.museuindiavanuire.org.br/>

A escola indígena que nasce entre bananeiras, bromélias e igarapés



Entrevista com Nanci Saraiva Moreira

Coordenadora de Obras Área II e Programas Especiais
Gerência de Estudos Técnicos, Ambientais e Dominiais/
Diretoria de Obras e Serviços
FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação

(in): Nanci, onde foi construída a primeira escola indígena no Estado de São Paulo? Qual o nome da etnia? Como isso se deu?

Nanci: A primeira escola indígena de São Paulo é a do Pátio do Collégio, de José de Anchieta e do Padre Manoel da Nóbrega; essa escola, no entanto, tinha como objetivo a catequização, a negação da cultura indígena. Hoje, a escola indígena tem outro objetivo, o de valorização de sua cultura, bem como de afirmação e manutenção de sua diversidade. A língua falada na atual escola indígena é a da etnia, além do português.

Em 1991, atendendo ao determinado na *Constituição Brasileira* de 1988, o Ministério da Justiça, juntamente com o Ministério da Educação, admitiram que a escola tradicional era instrumento de aculturação e destruição das etnias indígenas e reconheceu a necessidade de escolarização formal indígena com características próprias e diferenciadas; assim, em 1999, o *Conselho Nacional de*

Educação aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Em 1997, em atenção ao disposto na *Constituição Federal* e na *Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional*, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo criou o NEI – *Núcleo de Educação Indígena*, com o objetivo de articular, apoiar e assessorar a proposta de educação escolar indígena em nosso Estado, visando à valorização cultural e diversa dessa população.

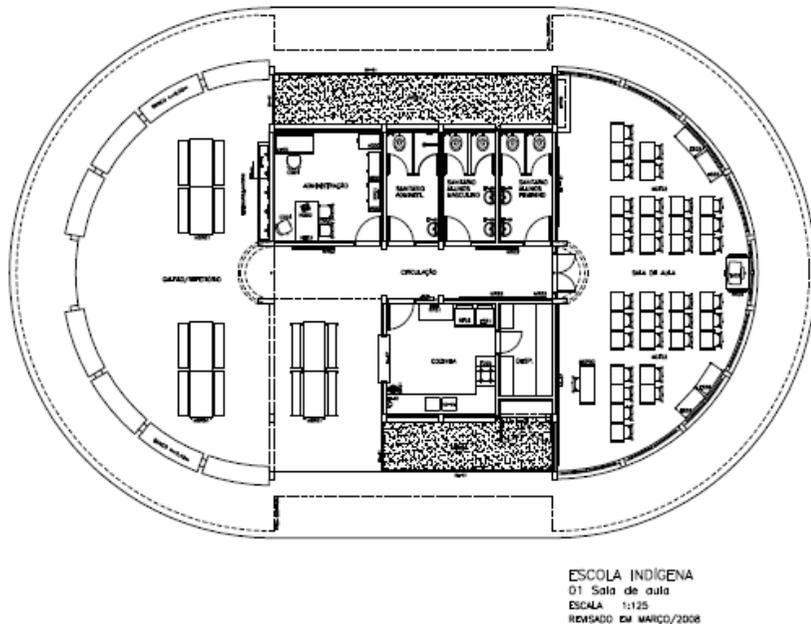
A Secretaria da Educação, por intermédio do NEI, implementou no Estado a política de criação de uma rede de escolas indígenas, e as três primeiras (guaranis) foram criadas dentro da visão de valorização de sua própria cultura: EEI Txeru Ba E Kua-I (Bertioga¹), EEI Guaraní Gwyrá Pepo e EEI Djekupe Amba Arandy (ambas no Município de São Paulo). O prédio da escola de Bertioga foi construído em 1998, em parceria com o município, e foi ocupado, inicialmente, somente pela escola municipal Nhembo'e'á Porã (“lugar onde se aprendem coisas boas”). A prefeitura desenvolveu o projeto desse prédio

1. A EEI Txeru Ba E Kua-I surgiu da subdivisão da EMIG Nhembo'e'á Porã, escola criada em 1998 para os anos iniciais, em duas escolas: uma com gestão municipal que atende até o atual 5º ano e outra com gestão estadual que atende até o Ensino Médio. Ambas as escolas funcionam no mesmo prédio.

e o construiu, e o Estado custeou a obra. A Escola Indígena Guaraní Gwyrá Pepo ocupou um prédio construído pelo governo suíço, em parceria com a prefeitura de São Paulo, em 1998, e a escola Djekupe Amba Arandy foi projetada por um grupo de alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e executada pela FDE, em 1999, sendo que a concepção desse projeto foi desenvolvida com a comunidade indígena.

Entre os anos 2000 e 2002, teve início, por parte da Secretaria da Educação, um programa cuja previsão seria a construção de 15 novos prédios escolares para atendimento das Aldeias Indígenas então existentes no Estado. Alguns desses prédios foram construídos em parceria com as prefeituras. Coube à FDE elaborar projetos específicos para essas escolas, que dessem conta de três capacidades de atendimento: 1, 2 e 3 salas de aula. A diretriz de projeto utilizada foi a mesma adotada para a EEI Djekupe Amba Arandy, adequada ao *Programa de Necessidades*² requerido para uma escola com atendimento até o atual 5º ano.

2. Programa de Necessidades: característica que os espaços e ambientes da escola devem possuir para que as atividades propostas no projeto pedagógico, bem como sua prática, recebam suporte adequado para implementação.



Planta do prédio escolar indígena de alvenaria com uma sala de aula.

(in): A quantas etnias o Estado atende? Quais são os nomes delas? Onde estão localizadas?

Nanci: Na Educação Escolar Indígena atendemos a cinco etnias: tupi-guarani, guarani, caingangue, crenaque e terena, e isso tem a ver com a estruturação da rede de escolas indígenas adotada pelo MEC – Ministério da Educação –, baseada na organização territorial do Brasil em regiões, denominada *Territórios Etnoeducacionais*. Não

significa que temos apenas cinco etnias no Estado, mas que, originalmente, eram essas as etnias que habitavam a área geográfica ocupada pelo Estado de São Paulo.

(in): Todas as etnias têm escola indígena? Quantas escolas desse tipo temos hoje no Estado?

Nanci: Sim. Atualmente possuímos cerca de 40 escolas indígenas.

(in): Você poderia explicar o que são áreas demarcadas e que importância isso tem para a construção de uma escola?

Nanci: São áreas cuja propriedade está legalizada para os indígenas. São terras tradicionalmente habitadas por eles, que possuem fundamentação de ocupação atestadas por estudo antropológico de identificação, avalizado pela Funai. Como o Estado é obrigado a ofertar escola indígena e não pode construir em áreas onde haja conflito de posse da propriedade, a efetivação da construção do prédio escolar indígena, por vezes, é dificultada devido a ações judiciais de propriedade da terra em tramitação. Daí surge uma longa discussão jurídica sobre legalidade, uma vez que os indígenas são o povo originário no Brasil, mas não têm a posse formal da terra. Até se chegar a um consenso, há muita discussão jurídica e tempo inves-

tido, mas estamos caminhando. Já conseguimos construir alguns prédios em terras não demarcadas, com o apoio jurídico das Secretarias da Justiça e da Educação, da Funai e do Ministério Público.

(in): A escolha do terreno onde será construída a escola passa por quais critérios?

Nanci: A comunidade indígena indica algumas localidades para a construção do prédio da escola. Depois é realizada uma avaliação técnica dessas áreas e, para a seleção da que receberá a edificação, consideram-se o atendimento à legislação ambiental, urbanística e jurídica e a capacidade do terreno para comportar uma obra do porte previsto (dimensões, declividade, tipo de solo, localização da área em relação ao aldeamento e ao acesso). Também são critérios o custo e a exequibilidade da obra.

(in): A comunidade indígena participa da escolha do terreno, bem como do projeto arquitetônico? Se sim, quais exigências costumam ser feitas pelos índios?

Nanci: Da escolha do terreno, sim. Com relação ao projeto arquitetônico, atualmente estamos implantando prédios padronizados pré-fabricados, em áreas não demarcadas, cuja concepção é fruto de acordo realizado

entre representantes indígenas, Funai, Ministério Público e Secretarias da Justiça, Meio Ambiente e Educação. As comunidades indígenas têm solicitado a construção desse prédio específico.

(in): O projeto arquitetônico também prevê utilização de materiais naturais, ou seja, que não tenham sido transformados pela indústria? Cite exemplos.

Nanci: O prédio escolar indígena que construímos não é vernacular³, apesar de alguns serem de madeira. Atualmente, em razão das características das últimas construções realizadas, temos utilizado o sistema construtivo pré-fabricado, que implica na transformação industrial do material de construção, conforme critérios de sustentabilidade, definidos pelos Catálogos Técnicos da FDE que, por sua vez, abrangem a totalidade do processo de projeto e execução da obra, inclusive o modo de contratação de mão de obra.

3. Denomina-se arquitetura **vernacular** a todo tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída. Desse modo, ela apresenta caráter local ou regional.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura_vernacular .

(in): As etnias imprimem sua identidade cultural nas escolas? Por exemplo: desenhos e pinturas em paredes, técnicas de construção, artesanatos etc.

Nanci: Após a entrega do prédio, a comunidade ocupa e se apropria da construção da forma que considera mais adequada. Imprimem sua identidade na ornamentação e organização do espaço disponível.



EEI Aldeia Nimuendaju – Avaí/Diretoria de Bauru.

(in): Para tribos que costumam não se fixar, que têm um caráter mais nômade, existe algum projeto de escola desmontável? Pode explicar?

Nanci: O pré-fabricado que construímos é desmontável, mas a infraestrutura de água e esgoto e fundações limitam sua transferência, pela sua indissociabilidade do



EEI Índia Maria Rosa - Braúna/Diretoria de Penápolis

terreno. Precisamos projetar um prédio totalmente desmontável, pois ainda temos casos de aldeias com essa característica.

(in): Quais as diferenças físicas entre uma escola indígena e uma escola comum?

Nanci: O projeto da FDE para a escola indígena busca proporcionar flexibilidade à organização das atividades escolares e sua ampla utilização por toda a comunidade indígena – além de atender à legislação vigente para construção de prédios públicos destinados a es-

colas. Ao contrário das escolas comuns, as indígenas atendem populações diminutas e dispõem de grandes terrenos, caracterizando-se por pequenos prédios invariavelmente térreos, implantados com muita área verde em seu entorno.

(in): O acesso à informática e à internet faz parte dos itens da planta da escola indígena?

Nanci: Sim, a escola indígena tem a mesma prerrogativa de toda escola pública, o que pode acontecer, e não só para a escola indígena, mas para escolas isoladas, é a precariedade da rede disponível de acesso à internet. Quanto à oferta de equipamento de informática, há necessidade de estrutura física adequada do prédio para que este comporte esse tipo de equipamento, bem como disponibilidade de eletricidade compatível com a carga requerida por esses equipamentos.

(in): Como é que a aldeia se relaciona com a escola, no tocante à afetividade e à apropriação dos espaços?

Nanci: Acredito que eles a valorizem, pois é o ponto de encontro de nossa cultura com a deles, sem a tentativa de moldá-los à nossa. Lembrando que o fortalecimento cultural dos nativos faz parte da gênese da escola indígena. Quanto à apropriação do espaço, o prédio escolar

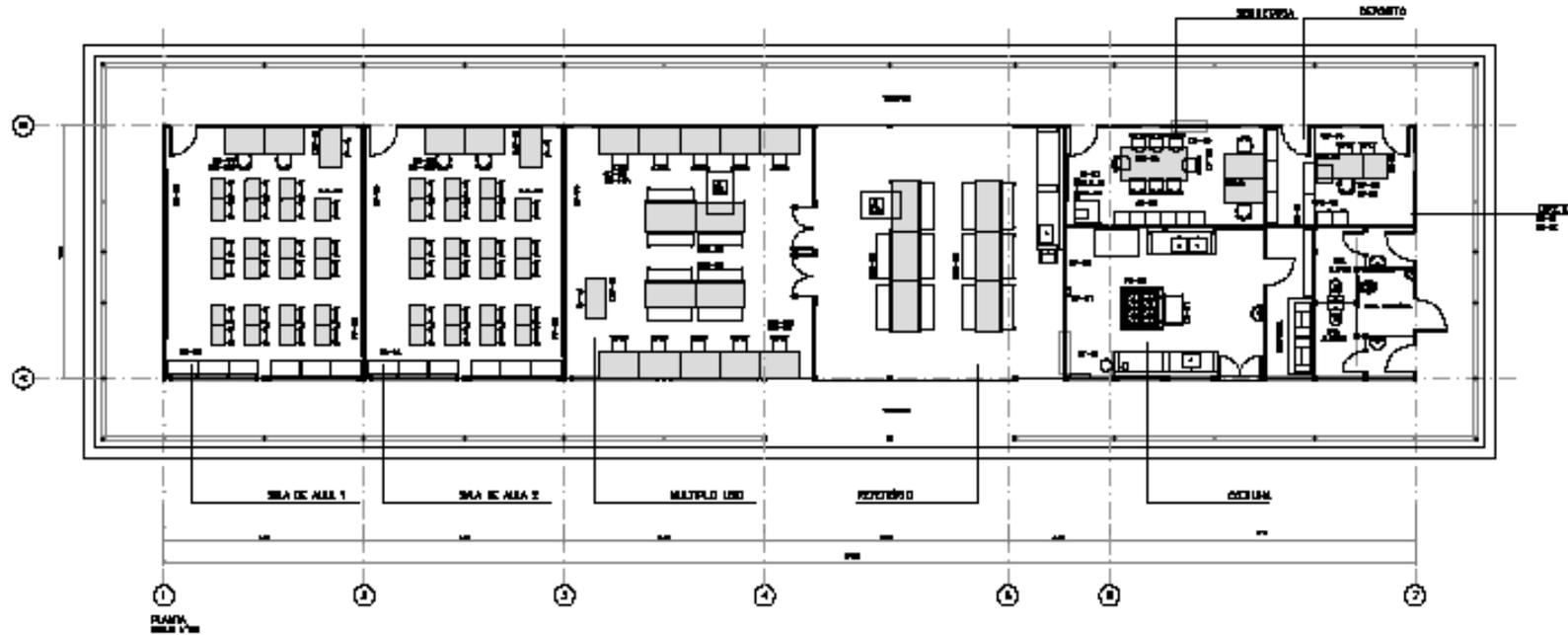
indígena é totalmente integrado à aldeia, não existe restrição para sua utilização, pelo menos isso é o que é de conhecimento comum.

(in): O projeto pedagógico da escola indígena é levado em consideração na fase de elaboração do projeto arquitetônico? Cite algum exemplo.

Nanci: Entendo que o projeto pedagógico seja particular de cada escola. Temos algumas tipologias de prédios que abrigam escolas indígenas, mas, se considerarmos apenas os projetados para escola, existem duas mais comuns: a dos prédios padronizados de alvenaria e a dos pré-fabricados. Os prédios de alvenaria são mais antigos e, a princípio, visavam ao atendimento de até o 5º ano (atual), abrigando, no máximo, 40 alunos ao mesmo tempo. O prédio pré-fabricado tem atendimento previsto até o Ensino Médio, portanto, dispõe de ambientes que dão suporte às práticas escolares previstas para esse nível de ensino, e abriga até 76 alunos ao mesmo tempo. A organização dos espaços do prédio pré-fabricado é pautada na flexibilidade de ambientes, ou seja, os ambientes destinados à sala de uso múltiplo, galpão e cozinha permitem ocupação espacial de forma consorciada ou individual. Atividades de Ciências ou Artes, que necessitem, simultaneamente, da utilização de computadores

para pesquisa e, também, de bancada com disponibilidade de água para execução de tarefas, por exemplo, podem ser realizadas com a integração do galpão à sala de uso múltiplo, por meio da total abertura das portas

de acesso, que transforma dois ambientes em um único. O mobiliário disponível também visa a essa integração. Oficinas de culinária também podem ser realizadas pela associação desses ambientes com a cozinha.



Planta do prédio escolar indígena pré-fabricado com duas salas de aula.



EEI Aldeia Renascer – Ubatuba/Diretoria de Caraguatatuba.



EEI Aldeia Peguao-ty – Sete Barras/Diretoria de Registro.

(in): As especificidades de uma aldeia também são levadas em conta na elaboração do projeto arquitetônico?

Nanci: O projeto da FDE para a escola indígena busca proporcionar flexibilidade à organização das atividades escolares e à sua ampla utilização por toda a comunidade indígena, além de atender à legislação vigente para construção de prédios públicos destinados a escolas. Ao contrário das escolas comuns, as indígenas atendem populações diminutas, em prédios invariavelmente térreos e de pequenas dimensões, instalados em grandes terrenos, com muita área verde.

(in): As escolas são planejadas para atender alunos com necessidades especiais?

Nanci: Os prédios em pré-fabricado atendem à norma técnica de acessibilidade física. Os demais prédios têm utilização facilitada a portadores de necessidades especiais devido às suas características. Acredito, no entanto, que o atendimento a alunos com necessidades especiais não se restrinja exclusivamente às características construtivas do edifício, pois depende da natureza da deficiência e de como a escola se organiza para acolhê-la. Muitas vezes, a necessidade do aluno é de equipamento e materiais específicos, por isso a Secretaria da Educação possui programas específicos para esse tipo de atendimento.

(in): O mobiliário da escola indígena é diferente do de uma escola comum? Se sim, por favor, cite exemplos.

Nanci: Não. As escolas podem até possuir alguma mobília diferente, mas isso é de iniciativa da própria escola, que possui a prerrogativa de complementar seu mobiliário com o que achar interessante para as práticas de apoio ao seu projeto pedagógico.

(in): As escolas contam com laboratório de Ciências?

Nanci: As escolas projetadas para Ensino Médio possuem espaços adequados para realização dessas atividades.

(in): Elas têm quadras esportivas?

Nanci: Não.

(in): As áreas comuns, como banheiros, cozinha e refeitório, recebem algum cuidado diferenciado por parte dos arquitetos e engenheiros?

Nanci: A construção desses espaços segue as mesmas regras adotadas para as demais escolas; esse regimento está detalhado nos Catálogos Técnicos da FDE, que, por sua vez, traduz para a edificação escolar a legislação e normas técnicas vigentes para a construção civil. Esses Catálogos são constantemente atualizados, o que possibilita perceber algumas diferenças, quando

prédios ou ambientes construídos em épocas diferentes são comparados.

(in): Sei que você é bastante envolvida em seu trabalho, se identifica com nossos nativos, com sua causa e cultura, e procura atender às demandas da melhor forma possível, mas, de verdade, na sua opinião, o que falta para que as escolas indígenas tenham mais qualidade e correspondam satisfatoriamente às expectativas dos alunos, educadores e comunidades indígenas?

Nanci: Acredito que seja necessária a adequação dos prédios que ainda não permitem o pleno desenvolvimento do projeto pedagógico da escola. A educação escolar indígena avançou muito nos últimos anos e seus prédios precisam acompanhar essa evolução.

Também acredito que devemos orientar as novas construções, bem como a adequação dos prédios existentes, ao pleno atendimento da sustentabilidade ambiental, requerida pelo século XXI, de forma a transformar nossa rede de escolas em prédios com alto desempenho energético e com o mínimo de agressão à natureza, pois, além de ser esta uma meta premente da humanidade, grande parte de nossas escolas indígenas está localizada em áreas de proteção ambiental. Acredito também que a organização dos ambientes físico e virtual desses prédios deva

ser flexível, ou seja, que os prédios sejam espacialmente otimizados e virtualmente habilitados e conectados à internet. Essa configuração, somada ao acesso à informação disponível na nuvem, resultará na obtenção de um suporte adequado de infraestrutura que possibilitará o desen-

volvimento da autonomia, criatividade e aprendizado do aluno e a orientação do professor indígena nas práticas escolares por ele previstas. Contudo, esse suporte físico e virtual só fará sentido se a ocupação desses prédios apresentar a mesma visão estratégica de flexibilidade.



Foto: Diogo Moreira/A2IMG

EEl na Aldeia Djaiko Aty na cidade de Miracatu, São Paulo.

O indígena que vive em mim

IVÂNIA PAULA (TÉCNICA/FDE)



Todos os anos, a cada verão, quando a pele se torna pegajosa, o suor escorre, as roupas colam-se ao corpo e o sono noturno torna-se algo impraticável, apenas uma ideia vem à cabeça: BANHO!

Fico imaginando o que não teria sido do povo brasileiro se não tivesse tido em sua genealogia, o indígena – aquele que, sabia e deliciosamente, ensinou o europeu a banhar-se nos rios, nas cachoeiras, nos mares. Fomos salvos! Sim, fomos salvos!

Como gratidão, que subam aos céus os sons dos chocalhos, a fumaça dos petynguás e o canto de cada indígena que habita em mim e em você. Sim, fomos abençoados com o costume do banho diário e com muitas coisas mais.

Apesar de toda a potência guerreira e técnica dos lusófonos, esses tiveram de aprender com os indígenas a viver nos trópicos, a cultivar seus frutos, a comer suas raízes e, paulatinamente, a estabelecer uma relação “amistosa” entre dominador e dominado. Desse intercâmbio, o indígena acabou por imprimir nos portugueses e no povo brasileiro muitos traços de sua cultura e de seu próprio comportamento.

Com os irmãos indígenas, aprenderam a sobreviver nos trópicos, conheceram a flora e a fauna, a metodologia de plantio de certos alimentos e a forma adequada de prepará-los. Mas o que eu mais gosto nessa história

toda é que logo a doçura e a submissão iniciais converteram-se em resistência e indomabilidade. Os colonizadores os consideravam indolentes, preguiçosos, com pouca ou nenhuma vontade de evoluírem. Quanto a eles, eram investidos de suas vontades, de suas próprias razões, enfim, eram senhores de si. E isso, de certa forma, “contaminou” o branco. É o que nos conta a historiadora e escritora, Mary Del Priore, em um de seus livros. Aliás esta passagem é uma das minhas preferidas:

“A julgar por nossa história, estes primeiros rebeldes (referência aos adolescentes, grifo nosso) apareceram cedo, na documentação histórica. Eles são jovens portugueses vindos com os padres jesuítas para a instalação das escolas para crianças indígenas, as chamadas “Casas de Muchachos”. Recolhidos nas ruas das cidades portuárias da metrópole, eles cresciam, na colônia, entre indiozinhos que eram catequizados. Ao chegar à adolescência, os indígenas abandonavam a vida nas escolas e voltavam a viver nas matas. Neste momento, os jovens portugueses e mamelucos os acompanhavam. Fugiam todos juntos e iam viver nas aldeias, pintando seus corpos com tinta urucum, tatuando-se e usando penas. A pedagogia inaciana ficava para trás e tinha início uma vida em que as referências indígenas se misturavam à cultura europeia em franca mestiçagem de usos e costumes.”

(Histórias da Gente Brasileira – vol. 1; Mary Del Priore; Leya Editora Ltda.)

Enquanto a mão de obra escrava dava conta do trabalho pesado e da rotina de afazeres domésticos nesse Brasil tão peculiar que ia surgindo, a presença indígena, paralelamente, ajudava a construir a cultura do povo brasileiro que, à época, ia também se constituindo, resultante das mestiçagens entre as etnias – branco, indígena e negro.

Para melhor conhecermos um pouco da contribuição indígena, convido você, leitor, a me acompanhar em um cenário fictício, criado especialmente para este texto. Observe que as palavras em destaque são de origem indígena ou se referem à cultura dos nativos.

Todos prontos? Então retrocedamos no tempo:

*Na cozinha da casa de um certo Manuel Pereira Botelho, alguns utensílios sobre uma mesa de madeira pesada e rústica estavam dispostos lado a lado: o **tipiti**, o **pilão**, o **ralador**, o **porongo**, a **cuia**, a **gamela**, o **pote**, a **panela de barro** e a **peneira**. No chão, dispostos sobre uma **esteira de palha**: os **balaies**, os **abanos**, os **jacás**, os **samburás** e os **aturás**.*

Do rio à cozinha de Dona Purezinha – esposa de Manuel –, peixes, castanhas e produtos da roça eram transportados nesses cestos e iam direto para as talentosas mãos da Jacinta, negra escrava, que além de cuidar da alimentação dessa família também nutria com os peitos, os filhos pequenos da patroa.

*Do lado de fora da casa, em um quartinho cheirando à maresia, outros tantos objetos de pesca – o **pari**, o **juquiá**, o **cacuri**, o **puçá**, a **tarrafa** e o **jererê** – ficavam quietinhos, guardados, à espera de mais uma aventura, quando os homens do vilarejo se reuniram em festa para mais uma pescaria.*

Era muito comum, à hora do almoço, Jacinta aparecer no alpendre, onde Dona Purezinha costumava bordar:

– *Sinhá quer que eu prepare o quê?*

– *Tem alguma boa sugestão?*

– *Tenho sim, sinhá. **Moqueca com tucupi ou quinhapira com beiju**.*

– *E temos o que beber?*

– ***Caxixi**, sinhá!*

– *Faça a **moqueca com tucupi**. O senhor meu marido se agradecerá disso.*

*E Jacinta metia-se casa adentro, indo abastecer o fogão com mais lenha. Enquanto isso dona Purezinha ia pensando em fazer tingimento para cortinas, colchas e toalhas de mesa. Aprendera com os nativos a dar cor aos panos feitos com fibras da região: o **caroá**, o **caraguatá**, o **tucum** e o **algodão**. Usava para tingimento: **pau-brasil**, **jenipapo** e **urucum**.*

*Outros pratos do cardápio indígena: **mingau**, **chibé**, **papa**, **tapioca**, **paçoca de peixe ou de carne com farinha**, **carne ou peixe assados no moqué**, **quinhapira**, **mujeca**, **saúva ou içá moqueado**, **bebida de guaraná**, **erva-mate**, etc.*

Manuel, seu esposo, também recorria à “tecnologia” dos filhos da terra e à farta matéria-prima do continente para construir novas casas ou ranchos, para isso usava o **sapé**, o **cipó**, as **folhas** e os **troncos de palmeiras**.

E quando alguém adoecia na casa, adotava-se a pajelança e mezinhas para a cura. As ervas medicinais eram para a gente dessa época um verdadeiro legado de conhecimentos terapêuticos, mesmo porque os remédios feitos em Portugal demoravam três meses para chegarem e, quando desembarcavam, já estavam vencidos e, talvez, o doente já morto. Portanto a fitoterapia da terra era imprescindível.

Se por um lado havia as doenças, por outro havia também o lazer, as brincadeiras e o jeito displicente de viver. E tanta coisa gostosa se via por ali, entre o vasto quintal e os cômodos da casa: a **rede** apinhada de meninos e meninas; o Tonho da Horta, de **cócoras**, pitando cachimbo; a gurizada e os adultos a andar **descalços**, sem qualquer cerimônia.

Os finais de tarde eram musicais. Em frente à casa, jovens jogavam capoeira, ao som de **berimbaus**, feitos com cabaças extraídas das matas próximas.

Dona Purezinha e o esposo gostavam tanto de fazer filhos e dos nomes indígenas, que dos oito rebentos, até então nascidos, seis foram assim batizados: **Ubiratan**,

Jacira, **Iracema**, **Tainá**, **Cauã** e **Jandira**. Os dois outros só receberam nomes diferenciados porque a mãe teve parto difícil e os consagrou a Nossa Senhora: Maria das Dores e Maria do Perpétuo Socorro.

Esses **guris** iam crescendo junto aos **curumins** e aos filhos de escravos, nutrindo-se da boa comida da negra Jacinta e das frutas da terra: **abacaxi**, **maracujá**, **caju**, **cajá** etc. Quando saíam a passeio de canoa, levavam **pipoca** e suco de **pitanga**. E não é necessário dizer que a hora do piquenique era uma verdadeira festa.

Desses passeios, traziam aos quintais bichos para serem domesticados, a exemplo, **jabutis** e as **araras**. Cada quintal tinha lá seus bichos de estimação e o de Dona Purezinha e Seu Manuel também os tinham.

A meninada quando retornava dos **igarapés** não vinha sozinha, trazia consigo vários tipos de **perebas**, adquiridas na farrá de rolar no **capim** e na lama. Para curar as feridas e coceiras, a mãe recorria aos benzimentos, unguentos e chás, enquanto que as crianças... ao colo morno e reconfortante da boa Jacinta.

Bem, mas nem tudo era comichão e prurido e ardor...

À noite, em torno de uma fogueira, ouvindo os estalidos da lenha em brasa, e com o coração quase a saltar pela boca, essa mesma meninada reunia-se para ouvir histórias de seres fantásticos como: **Curupira**, **Saci-Pererê**, **Boitatá**,

lara e outros mais. Qualquer barulhinho de folha caída ou de animal rastejante, no terreiro, era motivo para apreensão e pavor. Tenham certeza de que no dia seguinte algumas delas acordavam molhadas e resfriadas. Mais certeza ainda de que estariam alegres, firmes e ávidas por outras narrativas atemorizantes, contadas sob o clarão da lua, pelos caboclos de jeito dócil, mas desconfiado, que viviam na vizinhança.

E para colocar termo nessa história, as considerações finais: nossa origem também veio daí; secularmente fomos nos tornando indígenas e caboclos, negros e mulatos. Miscigenamos os DNAs e também os jeitos e trejeitos, os comportamentos, as habilidades, os gostos e os hábitos. E de tudo o que nos foi passado pelo irmão indígena, cá para mim, o BANHO é ainda o melhor de todos os ensinamentos.

Ha'eve'i, Nhanderu vy rive¹ (Felizmente, graças a Deus!).



1. Expressão em guarani, gentilmente traduzida do português por Kunumi – professor, escritor, primeiro indígena rapper solo do Brasil e, filho de Olivio Jekupe (guarani da Aldeia Krukutu/São Paulo).

PARA SABER MAIS...

Palavras indígenas que aparecem no texto

Petyngua: cachimbo



Gamela: vasilha de barro ou de madeira para dar comida a animais domésticos. (Aulete Digital)



Porongo: cuia feita da cabaça



Tipiti: cesto cilíndrico elástico, feito de fibras vegetais, usado para espremer e secar a massa de mandioca; tapiti. (Dicionário Aulete Digital)



Jacá: cesto feito de taquara ou cipó usado para transportar carga, especialmente comestíveis, preso ao lombo de animais. (Aulete Digital)



Samburá: cesto de cipó ou de taquara de bojo largo e boca estreita, usado pelos pescadores para guardar iscas, petrechos de pesca e o que foi pescado. (Aulete Digital)



Aturá: grande cesto cilíndrico, alto, para transporte de frutos, sementes e outros produtos rurais, usados pelos índios. F. tupi. (Aulete Digital)



Pari: tapume de varas, erguido no rio, para pesca; paritá. F. tupi. (Aulete Digital)

Juquiá: armadilha feita de tábuas de taquara ou cipó usada para caçar ou pescar



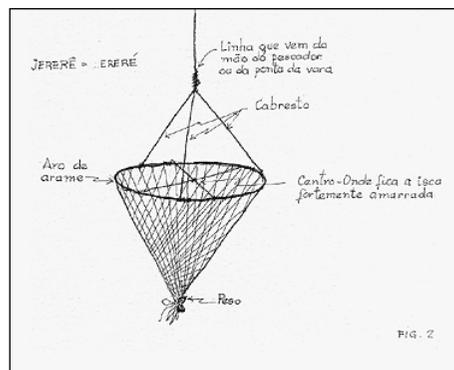
Cacuri: tapagem, gapuia (para apagar peixe). Tapagem (curral de peixe). Espécie de jequi (instrumento de pesca). (Aulete Digital)



Tarrafa: pequena rede de pescar de forma circular, de malha estreita, que se lança com as mãos. (Aulete Digital)



Puçá: rede em forma de cone com cabo para manejar usada para capturar peixes e crustáceos



Jeréré: rede fina em forma de saco usada para a pesca de peixes pequenos e crustáceos



Tucupi: molho que mistura caldo da mandioca ralada com pimenta, muito usado na Amazônia



Quinhapira: é um prato com pimentas verdes, cozido com peixe



Moquéim: grelha feita de varas onde se assa ou seca a carne ou o peixe. (Aulete Digital)

Caroá: planta bromeliácea, de fibras têxteis. (Aulete Digital)



Caraguatá: planta da família das bromeliáceas



Tucum: palmeira nativa do Brasil, de frutos azul-arroxeados, comestíveis e apreciados pela fauna, e de cujas folhas se extrai fibra de grande resistência. (Aulete Digital)



Urucum (colorau): fruto do urucuzeiro, fonte de matéria-prima para tinturas vermelhas. Utilizado também na culinária e como remédio



Jenipapo: fruto do jenipapeiro, de polpa doce, ácida, aromática e succulenta, de que são feitos doces, xaropes e um licor muito popular no N e NE, e do qual também se extrai tinta preta, usada pelos indígenas para pintura corporal. (Aulete Digital)

Entrevista com quem entende do assunto para ser lida e ouvida:

Palavras indígenas nomeiam a maior parte das plantas e animais do Brasil

<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>

Curiosidades sobre os indígenas brasileiros

MICHEL GOULART (GUIA DOS CURIOSOS – 17 DE ABRIL DE 2013)



“Somente quando for cortada a última árvore, pescado o último peixe, poluído o último rio, é que as pessoas vão perceber que não podem comer dinheiro.”

Provérbio Indígena

Serão apresentados aqui, aspectos da cultura indígena, as situações vividas pelos povos nativos no decorrer da história, sua relação com os europeus etc.

1. Os povos que habitavam as Américas foram chamados pelos europeus de **índios**. O termo é uma invenção europeia e provém de um “erro histórico”. Ao chegar às Américas, os europeus achavam que tinham chegado às Índias. Assim, os povos que habitavam o continente americano foram chamados de índios.

(A palavra ÍNDIAS se refere ao país ÍNDIA, que está localizado no subcontinente indiano, na região sul da Ásia. Fazem parte do subcontinente in-

diano além da Índia, o Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão. Há alguns cartógrafos que incluem, também, o Afeganistão e as ilhas do Sri Lanka e as Ilhas Maldivias. O adjetivo pátrio de Índia é indiano ou hindu.)

2. Quando o Brasil foi conquistado, em 1500, os historiadores calculam que existiam aqui entre 3 milhões e 5 milhões de índios, divididos em 1.400 tribos. Havia três grandes áreas de concentração: **litoral, bacia do Paraguai e bacia Amazônica.**

3. No Brasil, muitos índios foram capturados e escravizados. Os colonos diziam que os índios não eram gente, mas animais. Quando os padres jesuítas chegaram ao Brasil, começaram a reverter esse quadro. Em 1537, a bula **Veritas Ipsa**, editada pelo papa Paulo III, declarou que os índios eram “verdadeiros seres humanos”.

4. As **doenças** trazidas pelos europeus causaram a morte de vários habitantes da terra. Os indígenas não resistiam ao **sarampo, varíola e gripe**. Entre 1562 e 1563, cerca de 60 mil índios morreram por causa de duas epidemias de “peste de bexiga” (tipo de varíola).

5. Atualmente, calcula-se que **400 mil índios** ocupam o território brasileiro, divididos em 200 etnias e 170 línguas. Vale ressaltar que este cálculo considera apenas os indígenas que vivem em aldeias. Há estimativas de que, além destes, há entre 100 e 190 mil vivendo fora das terras indígenas.

6. O **grão de guaraná** lembra muito a figura de um olho humano. Isso deu margem a uma lenda espalhada pelos índios saterê-maué. A índia Unai teria tido um filho concebido por uma serpente e morto pelas flechadas de um macaco. No local em que ele foi enterrado, teriam nascido as primeiras plantas de guaraná.

7. Os índios **Xerente** realizam um ritual para batizar suas crianças, chamado Uaké. Nele, a molecada participa de uma dança em círculo, enquanto recebe seus nomes, que depois são anunciados de porta em porta.

8. Em 2004, foram realizados os **Jogos Indígenas do Pará**, 500 índios de 14 tribos participaram do evento, que teve competições de arco e flecha, cabo de guerra, arremesso de lança, lutas corporais, natação, canoagem, corrida de toras, maratona e atletismo.

9. O **Parque Nacional do Xingu** é uma das maiores áreas indígenas da América Latina, com 26 mil quilômetros quadrados (quase o tamanho do Estado de Alagoas). Criado em 1961 para garantir melhores condições de vida e a posse da terra à população indígena local, abriga hoje 4 mil índios de 15 grupos diferentes.

10. Os índios brasileiros adoram **carne de macaco**, considerada um prato muito especial. Quanto mais novo o macaco for abatido, mais macia é a carne. Os miolos são retirados e misturados a um molho ou pão. Os cérebros são ricos em gordura e proteína.

11. Tupi era uma das 1.200 línguas indígenas identificadas no Brasil no ano de 1500. Até meados do século 18, tratava-se do idioma mais falado no território brasileiro. Cerca de 20 mil palavras do atual vocabulário, como: amendoim, caipira, moqueca, taturana e pipoca derivaram dele.

12. Quando Cabral chegou ao Brasil, a língua era falada numa faixa de 4 mil quilômetros, do norte do Ceará ao sul de São Paulo. O que predominava era o **dialeto tupinambá**, um dos cinco grandes grupos tupis. Os outros eram: tupiniquins, caetés, potiguaras e tamoios.

13. Os bandeirantes se comunicavam em tupi. É por isso que tantos estados, municípios e rios têm nomes de origem indígena. Neste sentido, Paraná é “mar”; Pará é “rio”; Piauí é “rio de piaus” (um tipo de peixe); Sergipe é “no rio do siri”; Curitiba é “muito pinhão”; Pernambuco é “mar com fendas”, entre outros.

14. Hoje restam 177 línguas indígenas. O antigo tupi foi uma das que desapareceram completamente. Em 1.758, o **marquês de Pombal**, interessado em acabar com o poder da *Companhia de Jesus* no Brasil e em aumentar o domínio da metrópole portuguesa sobre a colônia, proibiu o ensino e o uso do tupi.

15. Em 1955, o presidente **Café Filho** obrigou todas as faculdades de letras a incluir o Curso de Tupi no currículo.

16. Em 1910, o Marechal Rondon criou o **SPI** (Serviço de Proteção ao Índio). Os indígenas passaram a ter direito à posse da terra e seus costumes eram respeitados. A entidade foi substituída pela **Funai** (Fundação Nacional do Índio), órgão federal que cuida hoje das nações indígenas, criada em 5 de dezembro de 1967.

17. Existem aproximadamente 200 grupos indígenas identificados. Mas os dez mais numerosos representam 43% de todo o contingente indígena brasileiro, que reúne 325.652 indivíduos. A maior parte (89.529) se encontra na Amazônia.

18. A Funai calcula que, além das tribos já conhecidas, há em torno de **55 grupos totalmente isolados**, todos em áreas remotas da Amazônia. Em junho de 1998, na divisa do Brasil com o Peru, uma equipe da Funai vislumbrou entre a copa das árvores, doze malocas de uma tribo indígena, até então completamente desconhecida.

19. A **Amazônia** é a última região do planeta onde ainda vivem grupos humanos desconhecidos. Vivem em estágio bastante primitivo, caçando, pescando e, em alguns casos, cultivando pequenas roças. Essas tribos recebem da Funai a vaga denominação de “índios isolados”.

20. Pelo **Código Civil**, o índio não tem direito à propriedade da terra das reservas. Ele tem a posse e o direito de usar o que nela existir (água, flora, fauna e minérios).

21. Canibalismo ou **antropofagia** consiste no ato de comer a carne de seres da mesma espécie. O termo vem da língua **arawan**, falada por uma tribo indígena da América do Sul. A prática, conforme afirmam estudiosos e arqueólogos, era comum em comunidades primitivas ao redor do mundo.

22. Na época que os portugueses chegaram ao Brasil, havia no País diversas tribos de índios canibais. Entre elas estavam os tupinambás, os potiguaras, os caetés, os aimorés, os goitacás e os tamoios. Eles devoravam seus inimigos por vingança e acreditavam que, comendo seu corpo, adquiririam seu poder.

23. O ritual de “degustação” humana incluía um período de engorda, em que a vítima era bem tratada e alimentada. Antes de sua morte, ela recebia o privilégio de passar uma noite de amor com uma das mulheres da tribo. Depois de morto, o corpo era dividido entre homens e mulheres.

24. Relatos contam também que os tupis realizavam impressionantes **cerimônias antropófagas** coletivas. Homens, mulheres e crianças bebiam cauim e devoravam, animadamente, o inimigo assado em grelhas de varas. Até 2 mil índios celebravam o ritual comendo pequenos pedaços do corpo do prisioneiro.

25. Os **tamoios**, por sua vez, tinham por costume permitir que o preso vingasse sua morte antes da execução. Ele recebia pedras para jogar contra os convidados, que vinham de longe para as festas. O carrasco colocava um manto de penas e matava a vítima com um golpe de borduna (*arma de guerra: tacape, clava*) na nuca.

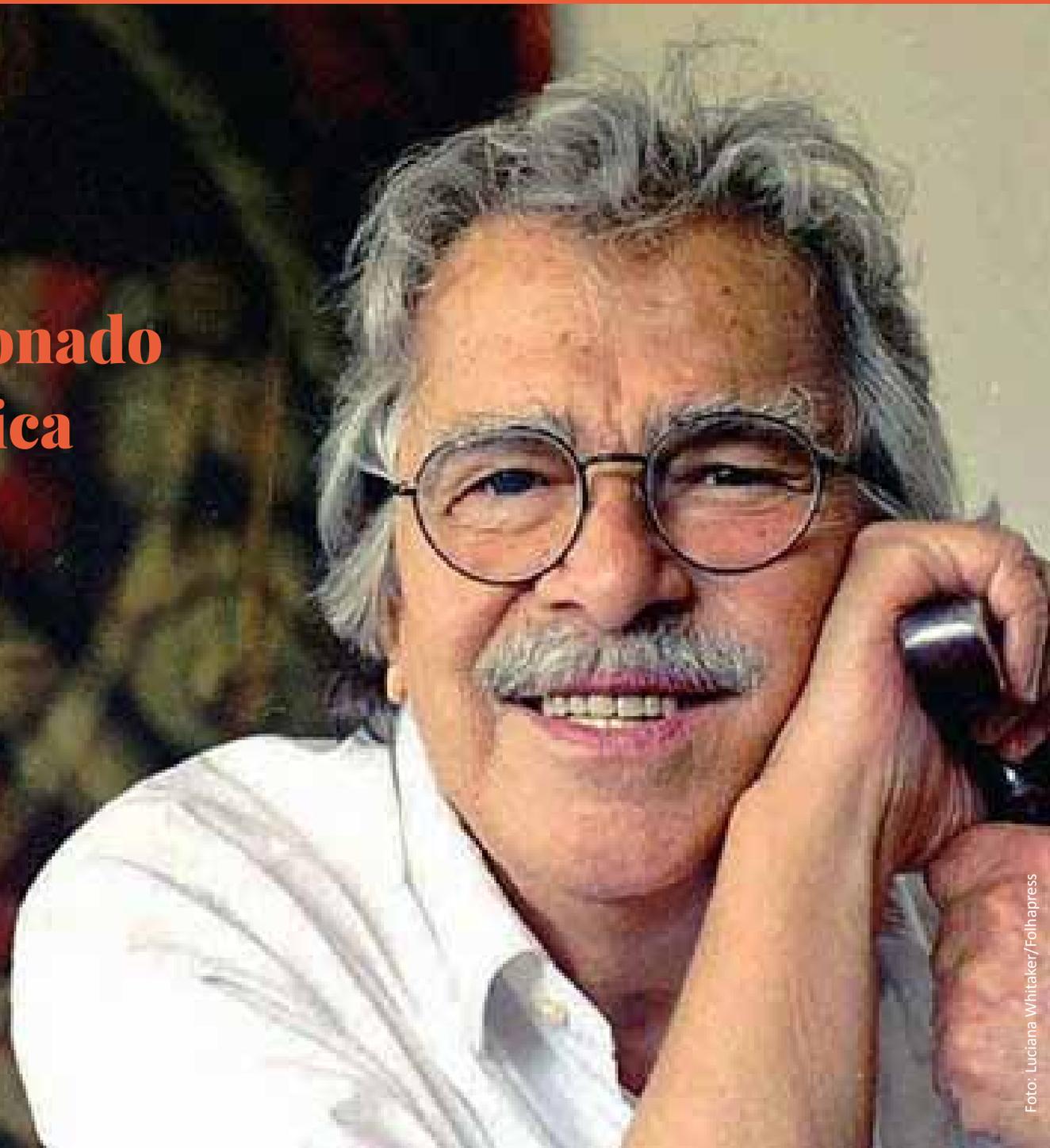
Fonte: <http://www.historiadigital.org/curiosidades/25-curiosidades-sobre-os-indios-brasileiros/>



Foto: <https://mestreneto.wordpress.com/curiosidade/indio/>

Darcy Ribeiro, um indianista apaixonado por educação e política

ATAULFO SANTANA (TÉCNICO FDE)



“Dediquei a vida aos índios, à minha paixão por eles e também à escola pública. Minha vida é feita de projetos pessoais para passar o Brasil a limpo, porque o Brasil é máquina de gastar gente. Gastou seis milhões de índios e o equivalente de negros. Para eles? Não! Para adoçar a boca do europeu com açúcar, para enriquecer uns poucos.”

– **Darcy Ribeiro**

Não há como falar sobre a luta e a vida do indígena brasileiro sem citar o marechal Rondon, os irmãos Villas-Boas (Orlando e Cláudio) e Darcy Ribeiro. Cada um deles, a seu tempo e à sua maneira, contribuiu enormemente para a criação e implantação do *Parque Nacional do Xingu*, a primeira terra indígena homologada pelo governo federal.

Darcy Ribeiro (1922-1997), a principal referência nacional quanto à defesa dos direitos do povo indígena e, conseqüentemente, de sua cultura, foi antropólogo, romancista, ensaísta, educador e uma das pessoas públicas mais atuantes da política brasileira.

Filho de uma professora primária e de um farmacêutico, nasceu em Montes Claros, Minas Gerais. Seu pai faleceu quando ele tinha apenas três anos de idade, e, como ele próprio nunca chegou a ter filhos, dizia-se um homem livre: “Nunca fui domesticado e nunca domestiquei ninguém”.

Iniciou seus estudos fazendo Medicina, em Belo Horizonte. Mas, migrou para o campo das Ciências Sociais, em 1946, formando-se pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Desde os primeiros anos de sua vida profissional, dedicou-se ao estudo dos indígenas do Pantanal, Brasil Central e Amazônia.

Entrou para o Serviço de Proteção aos Indígenas (SPI), em 1947, quando conheceu o Marechal Rondon (Cândido Mariano da Silva Rondon), que era o então presidente do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Passou a conviver com aldeias indígenas do Mato Grosso e da floresta amazônica. Inaugurou o Museu do Índio, em 1953, e o primeiro curso de pós-graduação de antropologia cultural brasileira, em 1955. Criou o Parque Indígena do Xingu (MT), em parceria com os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas, em 1961.

Segundo Eric Nepomuceno, Darcy Ribeiro foi, na segunda metade do século 20, um dos intelectuais brasileiros mais respeitados e influentes da América Latina e teve livros publicados em quinze países. Essa genialidade é confirmada em alguns títulos, como *O processo civilizatório: etapas da revolução sociocultural* (1968), *As américas e a civilização* (1970) e *O dilema da América Latina* (1978).

Em 1995, pouco antes de seu falecimento, lançou aquela que veio a ser uma das mais importantes obras, *O povo*



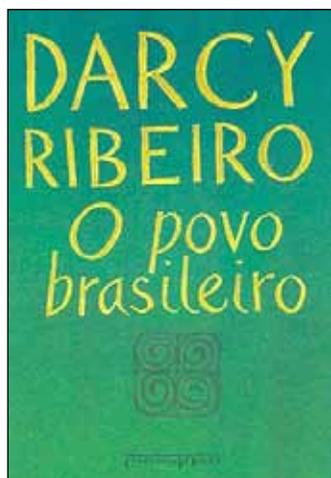
brasileiro, que traz em seu prefácio: “Nunca pus tanto de mim, jamais me esforcei tanto como nesse empenho, sempre postergado, de concluí-lo. [...] Ultimamente essa angústia se aguçou porque me vi na iminência de morrer sem concluí-lo. Fugi do hospital, aqui para Maricá, para viver e também para escrevê-lo”. *O povo brasileiro* finaliza a coleção de seus Estudos de Antropologia da Civilização.

É imensa a contribuição da obra desse intelectual de

mente privilegiada, que foi ministro da Educação e se tornou um imortal da Academia Brasileira de Letras. Há mais de 20 anos, Darcy Ribeiro enfatizou a escola como sendo caminho para o futuro da nação, e uma de suas falas mais conhecidas é: “Se os governadores não construírem escolas, em 20 anos faltará dinheiro para construir presídios». Esse pensamento, defendido e repetido por tantos, continua atualíssimo e ainda carente de atenção e prática.

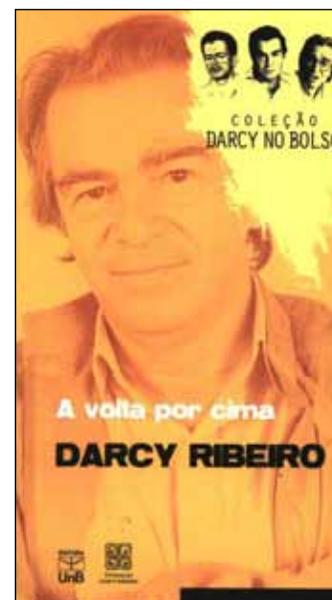
PARA SABER MAIS...

Conheça algumas obras de Darcy Ribeiro, um dos principais intelectuais que o Brasil já teve. Embora a maioria de seus livros já não sejam editados, alguns podem ser encontrados em sebos literários.



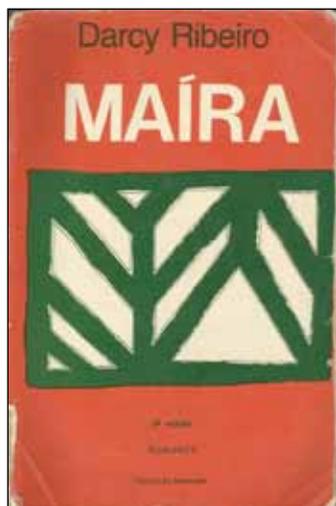
O povo brasileiro

Por que o Brasil ainda não deu certo? Quando chegou ao exílio no Uruguai, em abril de 1964, Darcy Ribeiro queria responder a essa pergunta na forma de um livro-painel sobre a formação do povo brasileiro e as configurações que ele foi tomando ao longo dos séculos. A resposta veio com esta que é sua obra mais ambiciosa. Trata-se da tentativa de tornar compreensível, por meio de uma explanação histórico-antropológica, como os brasileiros se tornaram o que são hoje.



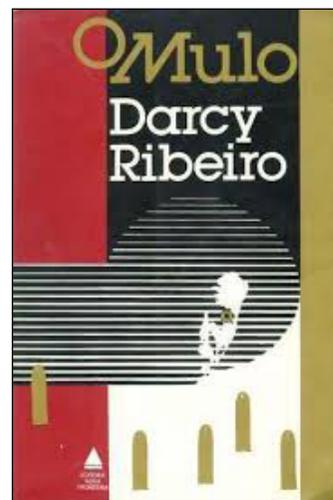
A volta por cima

Com franqueza cristalina e olhar certo, Darcy surge por inteiro. E é assim que, segundo o organizador, as pessoas devem se lembrar dele: peregrino incansável caminhando, sem tréguas, atrás da realização de suas utopias.



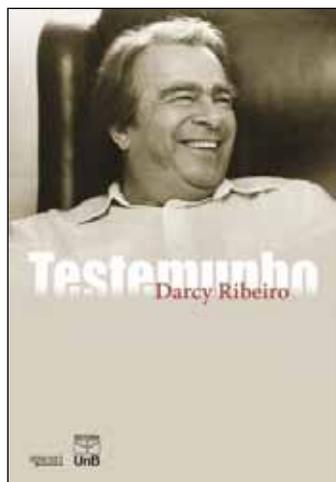
Maíra

O autor revive aqui as emoções dos anos em que conviveu com os índios. O livro narra a história de um índio que, adotado por um padre e convencido a seguir o sacerdócio, questiona sua verdadeira fé e entra em conflito por ter abandonado seu povo.



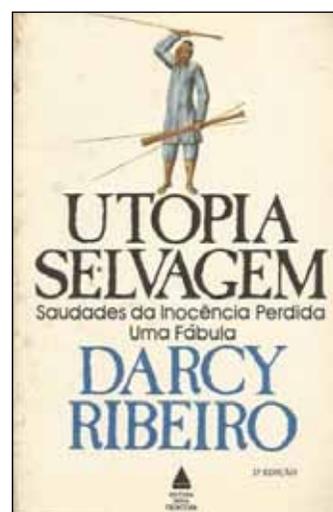
O mulo

Neste romance, Darcy narra, de forma envolvente, os problemas do Brasil: os desmandos políticos e toda a carga de violência neles embutida. Uma obra provocadora, em que o escritor retrata a história do povo do campo, dos sertanejos goianos e mineiros que sofrem, diariamente, com as asperezas de seu cotidiano de trabalho.



Testemunho

Reunião de textos retirados de revistas, entrevistas e livros que Darcy Ribeiro reorganizou, como peças de um jogo de armar. Conta sua formação intelectual e expõe as bases de seu pensamento, que deixava jorrar e explodir em frases velozes quando falava. E quando escrevia, fazia ecoar, em cada frase, sua paixão de arauto de uma fé desafiadora e urgente.



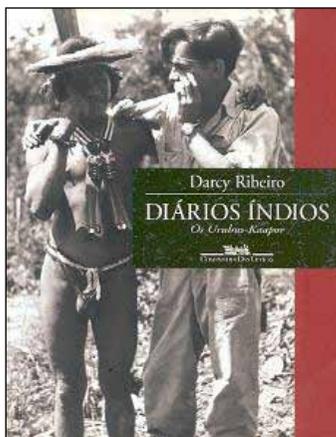
Utopia selvagem

A história do negro gaúcho Pitum, ou Orelhão, cujo nome verdadeiro é Gasparino Carvalhal, tenente do Exército que, quando lutava na Guerra da Guiana, à procura do Eldorado, foi engolido por uma cortina branca. A partir daí, tornou-se prisioneiro das amazonas, mulheres guerreiras, que, tendo recusado o contato com os homens, passaram a mantê-lo como seu único fornicador e reproduzidor.



O processo civilizatório

Neste livro, Darcy Ribeiro desenvolve uma teoria global sobre as etapas de evolução da humanidade nos últimos mil anos. Baseando-se em Marx, Engels e Lewis Morgan, o autor empreende a tarefa de classificar as sociedades humanas de acordo com o grau de eficácia no domínio da natureza.



Diários Índios: Os Urubus – Kaapor

Entre 1949 e 1951, Darcy anotou o que viu e ouviu nas duas expedições que fez às aldeias Kaapor, na fronteira entre o Pará e o Maranhão. Toda a riqueza cultural desses índios está registrada aqui – com o auxílio de um belíssimo material iconográfico – de maneira simples e apaixonada.

DARCY RIBEIRO NO CINEMA

Uma maneira bastante eficiente de despertar o interesse das comunidades intra e extraescolar para a participação no *Programa Escola da Família* é a exibição de desenhos animados, filmes e documentários, aos finais de semana, aliás, prática que já acontece desde o início do PEF.

Em 2012, o *Programa Escola da Família* iniciou parceria com o projeto *O Cinema Vai à Escola*, que promove o uso da linguagem cinematográfica na educação, em continuidade à política da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de subsidiar a rede pública de ensino com materiais, equipamentos e acervos didáticos. Foi fornecido às escolas de Ensino Médio um conjunto de seis caixas com 72 filmes de diferentes categorias e gêneros, em DVD, acompanhado de materiais de apoio à prática pedagógica. E dessa parceria nasceu o projeto Cinema no Escola da Família.

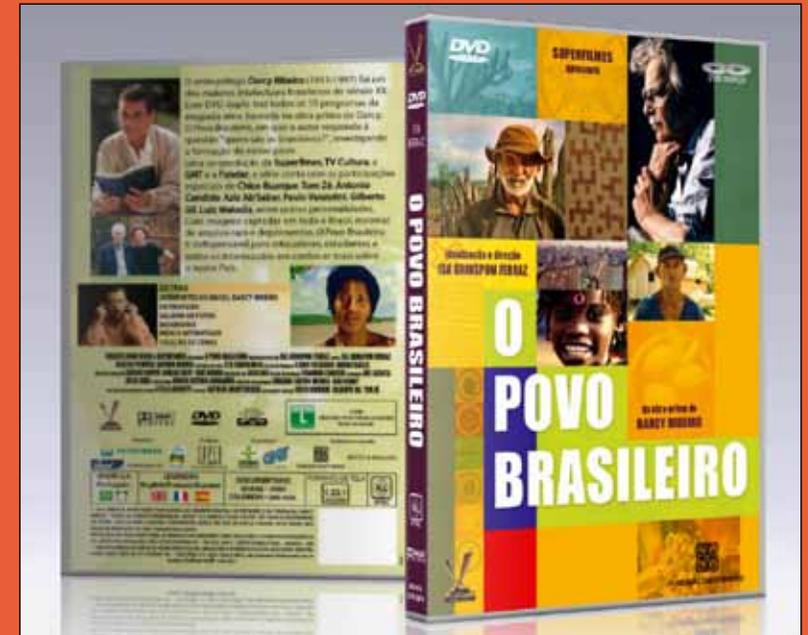
No *site* do PEF, no eixo cultura, foi cadastrada a atividade *Projeto Cinema no Escola da Família*, para mensurar a quantidade de participantes. Até fevereiro de 2017, já foram registradas quase 400 mil participações.

Entre os títulos encaminhados às escolas de Ensino Médio está o documentário *O Povo brasileiro* – uma produção cinematográfica com imagens captadas em todo

o Brasil. Trata-se de um belíssimo material, e os depoimentos que nele aparecem são bastante raros, o que o torna obra fundamental, merecedora da atenção de educadores, estudantes e daqueles interessados em conhecer um pouco mais sobre o nosso País.

O documentário foi lançado em 2000 e é composto de dois DVDs que trazem os dez episódios da elogiada série, baseada na obra-prima homônima de Darcy, em que o autor responde à questão “Quem são os brasileiros?” à medida que investiga a formação de nosso povo. Coproduzida pela TV Cultura, GNT e Fundar, a série conta com a participação especial de Chico Buarque, Tom Zé, Antônio Cândido, Aziz Ab’Saber, Paulo Vanzolini, Gilberto Gil, Hermano Vianna, Luiz Melodia, entre outras personalidades e intelectuais de renome.

Organizar pequenas sessões de cinema para exibir o documentário *O povo brasileiro*, garantindo um espaço para debate ao final, pode ser muito atraente ao público. O fato de o documentário ser dividido em dez episódios e de o primeiro ter apenas 26 minutos possibilita uma primeira conversa. Quanto mais interessante for essa primeira etapa, maior será a procura para as próximas sessões. Além disso, estamos vivendo um momento de grande discussão política sobre a demarcação de terras indígenas, e, embora o debate oficial esteja aconte-



Título: *O povo brasileiro*

País de produção: Brasil

Ano de produção: 2000

Direção: Isa Grinspum Ferraz

Elenco: Chico Buarque, Gilberto Gil, Luiz Melodia, Darcy Ribeiro, Antonio Candido, Tom Zé, Aziz Ab’Saber e Judith Cortesão.

Tempo de duração: 280 min.

Faixa etária: livre

Extras: “Intérpretes do Brasil: Darcy Ribeiro”, entrevistas, biografias e galeria de fotos.

cendo no Senado Federal, promover rodas de conversa com os participantes do *Programa Escola da Família* é uma maneira bastante eficiente de estimular a reflexão sobre o tema, como também de promover o despertar do senso de cidadania e, conseqüentemente, de ampliar a participação popular.



Darcy Ribeiro com um índio Urubu-Kaapor

FONTES

<https://www.portalaz.com.br/blog/blog-do-murilo/390417/vinte-anos-sem-darcy>.

<http://trivela.uol.com.br/vinte-anos-sem-darcy-ribeiro-futebol-e-o-unico-reino-em-que-o-povo-sente-sua-patria/>.

<http://revistacult.uol.com.br/home/darcy-ribeiro-e-a-inteligencia-mais-autonoma-do-terceiro-mundo/>

<http://blog.estantevirtual.com.br/2017/02/17/20-anos-sem-darcy-ribeiro-8-livros-do-antropologo/>

<http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br>

<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Cinema/Cinema.aspx>.

<http://www.dvdversatil.com.br/o-povo-brasileiro/>.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/>

[Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

Protagonismo indígena: olhar terena para uma nova história

O ENCONTRO ENTRE DUAS CULTURAS TOTALMENTE DIFERENTES UMA DA OUTRA, QUE PROVOCOU O ESTRANHAMENTO, CHOQUE CULTURAL ENTRE PORTUGUESES E OS AUTÓCTONES NO BRASIL.

IRINEU NJE'A



Irineu Nje'a, indígena da etnia Terena do estado de São Paulo, é professor de História, especialista em Antropologia Cultural e presidente da *Araci Cultura Indígena*. Também é representante estadual da CNEEI – *Comissão Nacional Escolar Indígena*, representante titular indígena no *Conseia – Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional*, em Bauru, e suplente no Conselho Municipal de Transparência e Controle Social de Bauru.

Era uma segunda-feira, 9 de março, em Belém, Portugal, Europa. No comando, o capitão-mor saiu com suas navegações rumo às Índias, fazendo uma nova rota.

No dia 21 de abril, avistaram um grande monte, muito alto e redondo, e puseram o nome de *Monte Paschoal*, e à imensidão de serras e terras mais baixas nomearam *Terra de Vera Cruz*.

A curiosidade dos navegantes fez com que esquecessem a viagem às Índias e analisassem o achamento da nova Terra. Avistaram homens distantes dali, andando pela praia, e logo o capitão-mor ordenou aos tripulantes que partissem para terra firme.

Quando os portugueses se aproximaram mais da praia, depararam-se com homens de fisionomias e vestimentas totalmente diferentes das que estavam acostumados na Europa.

A princípio, o encontro de ambas as partes foi analítico: o de duas culturas totalmente opostas. A carta de Pero Vaz de Caminha diz que era um jogo de mancal, o cuidado em conhecer um ao outro, para aproximação e troca de presentes.

Os europeus estavam acostumados com uma cultura de aceleração e mercantilismo que logo se transformou em capitalismo. A procura de terras, a busca por novos fiéis para a igreja católica, o acúmulo excedente e a valorização de riquezas faziam parte das pessoas que aqui chegavam no século XV.

Já os indígenas, opostamente aos europeus, viviam em seus moldes tradicionais; comiam seu aipim, outras raízes e os peixes produzidos com fartura pelos rios. Suas casas eram de tábuas e sapé, e viviam em seu tempo e espaço, em harmonia com a natureza.

Indígenas e europeus nos primeiros diálogos não se entenderam, mas, com gestos, os nativos comunicaram ao capitão-mor e aos tripulantes que em sua terra existia riqueza, como ouro e prata. Isso aguçou o olhar e o interesse dos visitantes e fez com que adiassem para mais adiante a viagem para as Índias.

O convívio criou intimidade entre portugueses e indígenas e aumentou a angústia de quererem saber se, realmente, no território recém-descoberto, havia mesmo

ouro e prata. Esse interesse por parte do visitante deu início à desvalorização da cultura indígena.

Os símbolos da cultura indígena já não tinham mais valor, a bandeira do Evangelho ia sendo erguida entre os indígenas, a primeira missa, rezada, e mal sabiam os nativos que a cruz de sua extinção começava a ser pregada a partir daquele momento.

Cartas ao rei de Portugal foram enviadas, dando notícias do achamento da terra e da importância de explorá-la futuramente, com a melhor das atenções.

Com o início da colonização, os indígenas foram os primeiros negros da terra, pois houve exploração de sua mão de obra, escravização etc. Os europeus travaram uma guerra duplamente injusta contra os indígenas, pois arcos e flechas precisaram disputar com as armas de fogo.

As terras indígenas foram sendo tomadas, e justificavam tal ato pelo que era considerado ociosidade indígena, ou seja, falta de cultivo da terra para produção agrícola. Isso os levava a acreditar que tinham o direito de tomar o bem mais precioso dos primitivos – a terra.

Genocídio, etnocídio – situação que perdura há séculos. A população indígena era de, aproximadamente, **seis a oito milhões**, cerca de **1.500** povos, mas os europeus não tiveram sensibilidade para conhecerem e se aprofundarem na cultura e nas diferenças particulares desses.

No decorrer da história do Brasil, nos períodos colonial, imperial e republicano, a política era uma só – exterminar os indígenas do território brasileiro –, mas a resistência foi intensa para manter viva a cultura e o próprio ser nativo.

Hoje os **305** povos indígenas existentes no Brasil continuam firmes na resistência, procurando manter suas tradições, sua língua materna, seu espaço, em uma democracia que não foi feita para ele, para que seus direitos sejam respeitados, para que suas terras sejam totalmente demarcadas.

O protagonismo do indígena em suas reivindicações é evidente, pois grupos de movimentos crescem cada



Fonte: Alan Azevedo /MNI.

vez mais no Brasil, com um único objetivo: respeito aos direitos dos oriundos desta Terra.

Muitos parceiros simpatizantes lutam juntos, pois abraçaram a causa indígena para que os direitos políticos, que estão na Constituição Brasileira, sejam respeitados, uma vez que precedem todos os outros que com o tempo foram constituídos. Qualquer mudança na lei fere as cláusulas pétreas, o que é um golpe.

A interculturalidade que se deu com a chegada dos europeus ao Brasil fez com que a sociedade fosse se transformando, a tecnologia surgisse e se desenvolvesse ao longo do tempo.



Fonte: Nathalia Beatriz.

Mudanças ocorreram na sociedade não indígena, e por que não poderiam acontecer na indígena? Não podem culpar ou julgar os indígenas que usam todos os tipos de tecnologia de não serem mais “índios” – argumento utilizado pelos anti-indígenas. Esse pensamento preconceituoso tem de parar. Motivos históricos têm forçado muitos nativos a procurarem os centros urbanos, como outra opção de vida, pelo fato de suas terras terem sido diminuídas com o decorrer dos anos.

No futuro, a tendência é a tecnologia evoluir cada vez mais, e torna-se inevitável que ela entre nas aldeias, principalmente nas mais próximas dos centros urbanos. Mesmo morando em casa de alvenaria, dirigindo carros, portando celulares, nem assim os indígenas perderão a essência de serem terenas, guaranis, caingangues etc.

As tecnologias vêm somar e permitir aos povos indígenas o registro e disseminação de sua cultura em *sites* da internet. As ferramentas tecnológicas da informação permitem também a criação de dicionários, de enciclopédias e de tantas outras possibilidades, que propiciam à sociedade conhecer, de fato, quem são os indígenas no Brasil e, consecutivamente, diminuir o preconceito de séculos contra eles.

Não sou “índio”, sou terena

Irineu Nje’a, 42 anos. Meu trabalho tem como objetivo ampliar a difusão da cultura dos povos indígenas no Brasil; para isso lanço mão de uma nova abordagem, e isso permite à sociedade conhecer e desmistificar certos conceitos. Tenho realizado esse trabalho na cidade de Bauru/SP.

Costumo questionar alunos com esta pergunta:

Será que existem índios no Brasil?

Quando faço essa pergunta para alunos das escolas públicas e privadas, não estou me referindo ao ser indígena, e sim ao nome que nos foi dado erroneamente pelos europeus.

Essa ideia de “índio” faz-me lembrar de tempos atrás, quando fui à Funai e disseram que tinha um “índio” esperando, que no caso era eu. Arrepiou-me dos pés à cabeça ouvir aquela palavra, não sabia o que estava acontecendo naquele momento, mas senti como se tivessem tirado minha identidade.

Quanto a isso, a ONU traz de volta esta fala: “Desde 2006, quando votou pela aprovação do projeto de Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas no Conselho de Direitos Humanos (votando da mesma forma em 2007, na Assembleia Geral da ONU),

o governo brasileiro emprega o termo ‘povos indígenas’, em lugar de ‘índios’ ou de ‘populações indígenas’” – Marco Tulio S. Cabral, Assessor do Departamento de Direitos Humanos e Temas Sociais – DHS, Ministério das Relações Exteriores.

Uma corrente de pensadores e escritores indígenas está surgindo, e como o Prof. Dr. Daniel Munduruku diz: “Não existem índios no Brasil e sim povos indígenas”. Kaká Werá fala que a palavra “índio” veio de longe, pelos ventos e mares, e eu ressalto: não sou “índio”, sou terena.

Por isso digo e defendo que “não existem índios no Brasil, e sim, povos indígenas. Existe uma grande diferença entre as palavras “índio” e “indígena”.

Origem da palavra **índio**

1º - Quando Colombo chegou às Américas, pensava que tinha atingido a Índia e, a partir daí, nomeou os seus habitantes. O nome [...] vem do Latim *india*, do grego *indía*, de *indós*, o Rio Hindu, do Persa antigo *hindu*, “rio”.

2º - A palavra *indian* ou “*índio*”, na Europa da Idade Média, aplicava-se não apenas aos habitantes da região hoje conhecida como Índia, mas também a todas as re-

giões mais distantes do desconhecido Extremo Oriente. O comércio com o Extremo Oriente era altamente lucrativo, mas a jornada por terra era longa, difícil e cara. Foi isso que acabou motivando as grandes navegações e os descobrimentos por parte de Portugal e Espanha. Quando Cristóvão Colombo alcançou as terras da América, crente que havia descoberto o caminho para as Índias, navegando na direção oposta à dos portugueses, não titubeou em chamar os nativos ali encontrados de índios. Foi, portanto, fruto de um tremendo erro de geografia que a palavra “índio” passou a designar os nativos das novas terras das Américas.

3º - A denominação “índio” foi atribuída aos habitantes da América pelos colonizadores, que durante muito tempo chamaram a América de Índias Ocidentais. Essa denominação, além de refletir a visão do colonizador, generaliza e uniformiza grupos nacionais diferentes, apagando as especificidades de cada nação. Apesar desses inconvenientes, ela é largamente usada por estar consagrada como referência aos povos que já viviam – alguns poucos ainda vivem – na América no Período Pré-Colombiano.

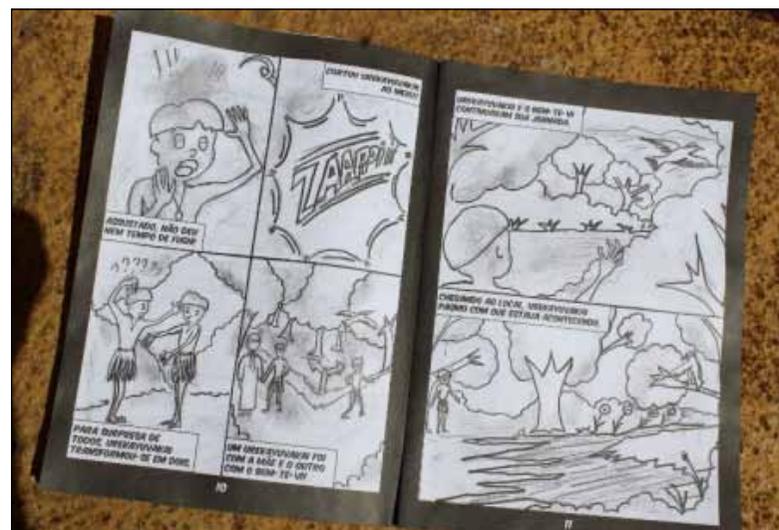
A etimologia da palavra indígena:

A palavra indígena vem do «lat[im] indigēna, ae “natural do lugar em que vive, gerado dentro da terra que lhe é própria”, der[ivação] do lat[im] indu arc[aico] (como endo) > lat[im] cl[ássico] in- “movimento para dentro, de dentro” + -gena der[ivação] do rad[ical] do v[erbo] lat[ino] gigno, is, genūi, genitum, gignēre “gerar”; [...] ; f[orma] hist[órica] 1552 indígenas, 1813 indígena». Significa «relativo a ou população autóctone de um país ou que neste se estabeleceu anteriormente a um processo colonizador» ou «relativo a ou indivíduo que habitava as Américas em período anterior à sua colonização por europeus»; por extensão de sentido (uso informal), é «que ou o que é originário do país, região ou localidade em que se encontra; nativo». (*Dicionário Eletrônico Houaiss*)

Tenho trabalhado por essa conscientização em palestras, e com o projeto *Rede Indígena – Contação de História* (livro ilustrado, *Mito de Origem do Povo Terena*), em escolas.

Sou o primeiro autor indígena da região e tenho pensado em divulgar cada vez mais esta obra (ilustrada por mim), para todas as faixas etárias. Meu intuito é que as pessoas conheçam diferenças e particularidades culturais dos povos indígenas da região de Bauru e, ao mes-

mo tempo, apresentar as Reservas Indígenas Araribá, desconhecidas ainda por muitos bauruenses e moradores da região.



Fonte: Lucas Mendes.

Tenho consciência de que a palavra “índio” está arraigada no subconsciente da sociedade, mas acredito que a *Araci Cultura Indígena** semeia o conceito correto do vocábulo, na cidade de Bauru e região, para que assim a sociedade e as novas gerações entendam que a palavra “índio” carrega preconceitos de várias ordens.

Além da literatura, o artesanato é um outro caminho

de resgate e divulgação da cultura indígena. Faço esculturas em argila de figuras que caracterizam meu povo e a natureza e, também, ornamentos para o corpo, como colares, pulseiras, brincos, braceletes etc. Essa é uma maneira de resistência, de mostrar para a sociedade as habilidades e criatividade do meu povo Terena.

* <https://araciculturaindigena.blogspot.com.br/>



Utensílio terena.



A representação humana na arte terena.

A realidade escolar

A *Lei 11.645/08* deve ser cumprida nas escolas, mas como isso será cobrado dos educadores se, em sua base de formação, não tiveram contato com a temática indígena?

A *Araci Cultura Indígena*, desde sua fundação, tem como objetivo capacitar educadores das redes municipal e estadual quanto à melhor forma de trabalharem a questão indígena em sala de aula. E, em parceria com a Secretaria Municipal de Bauru, a *Araci* tem realizado cursos para os professores da rede municipal local.

O que se tem feito ainda é muito pouco para suprir necessidades; precisamos de políticas públicas que garantam a capacitação contínua de educadores sobre a temática indígena. A experiência tem apontado que um dos caminhos é o trabalho conjunto entre as Secretarias da Educação e entidades idôneas, que tenham capacidade e repertório para executar essa missão. E, nesse sentido, a *Araci* tem se tornado um instrumento de defesa da vida, de integração de culturas e de convivência de diferentes grupos sociais e etnias, com base na solidariedade e respeito mútuo, base para uma sociedade mais justa e fraterna.

PARA SABER MAIS...

Araci Cultura Indígena



Projeto “Rede Indígena Contação de História”, na aldeia Kopenoti. Fonte: Irineu Nje’a

Associação Renascer em Apoio à Cultura Indígena (Araci Cultura Indígena), fundada em 2014, é uma entidade sem fins lucrativos, com sede na cidade de Bauru/SP.

Desenvolve ações sociais, procurando democratizar o conhecimento acerca da cultura dos povos indígenas no Brasil, para a sociedade bauruense e toda a região.

Atualmente a *Araci* conta com a seguinte infraestrutura e organização: duas salas na Estação Ferroviária, com espaço para reuniões, e uma biblioteca comunitária.

ria, com acervo indígena. Possui também um blogue: araciculturaindigena.blogspot.com.br.

Embora 2014 marque o ano de sua fundação, a origem do ideário e dos trabalhos voltados para a divulgação do conhecimento e da cultura indígena remontam ao ano de 2003, quando o então presidente Irineu, apoiado por um grupo de amigos simpatizantes, realizou a exposição “História Ilustrada do Povo Terena” para um público de estudantes, professores e interessados.

O evento trouxe informações sobre a cultura do povo Terena da região de Bauru e os resultados foram surpreendentes, pois revelaram a necessidade de ações que fortalecessem a luta pela causa indígena, de um modo geral, incluindo-se aí os povos da Reserva Araribá. Surgiu daí a constatação de que no currículo do curso de História faltavam disciplinas que tratassem de temas correspondentes às etnias terena, guarani e kaingangue. Algo precisaria ser feito e foi e tem sido:

- Exposição “História do Povo Terena”, na Universidade Sagrado Coração, 2003.
- Primeiro evento do “Agosto Indígena” (movimento dos indígenas urbanos da cidade de São Paulo), 2015.
- Araci integra a CNEEI – Comissão Nacional da Educação Escolar Indígena (MEC).
- Exposição “Encontros em Araribá” (fotos do cotidiano na

Aldeia Kopenoti, localizada na Reserva Indígena), 2015.

- Criação da *Biblioteca Comunitária Indígena Koxomoni* (acervo indígena).
- “Semana Cultural Indígena” (evento de reflexão sobre o dia 19 de abril, com participação de mais de quinhentas crianças), 2016.
- Curso de capacitação “História e Cultura Indígena” para educadores da rede municipal de Bauru (parceria com a Secretaria da Educação Municipal), 2016.
- Publicação da primeira edição do livro *Mito de Origem do Povo Terena*, com apoio do Programa de Estímulo à Cultura da Secretaria de Cultura de Bauru, 2016.
- Participação em movimentos indígenas contra o *fracking*: Bauru e região, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília; 2015.
- Evento “Agosto Indígena”, Sesc, 2016.
- Projeto “Rede Indígena Contação de Histórias” (escolas de Bauru e região; 5 mil crianças participantes), 2016.
- Segundo módulo do curso “História e Cultura Indígena” (parceria, Secretaria Municipal da Educação de Bauru).
- Coordenação e realização da II Coneei.
- Livros ilustrados “*Mito da Criação Kaingang*” e “*Mito da Criação Guarani*”, como subsídio ao trabalho de educadores nas escolas.

Visite a página: <https://araciculturaindigena.blogspot.com.br/>.

AS CORES DO BRASIL

Irineu Nje'a

As cores do Brasil,
Nas entrelinhas, faltam algumas cores:
Mendes¹, verde, amarela, azul e branca?
Comte², Ordem e Progresso?!
Morte! Egoísmo! Expulsão das minhas Terras! Ordem e Progresso.
Não foi assim que aprendi com os anciãos,
Ancestrais e com a cultura da oralidade – que diziam o oposto.
Ordem e Progresso! Bem diferente do nosso universo.
As cores da natureza:
Azul céu, verde das matas...
Será que esqueceram do preto e vermelho?
Preto! Sombra, sepulcro, luto.
Vermelho! Urucum! Sangue, tinta que pinta nossa alma.
As estrelas nos guiavam,
Agora o céu escureceu com a fumaça da pólvora.
Enganaram-nos! Tomaram nossas terras.

Em quem confiar? Como se defender?
Relento sem teto, sereno no rosto...
Lágrima desce, ninguém vê! Todos cegos.
Nossas armas?
Arcos! Flechas! Ornamentos que enfeitam paredes alheias.
Bijuterias que enfeitam, presas no corpo, sem sentido,
sem significado para o branco.
Maracá? Arma potente contra tristeza!
Alegria a alma, com cantos que pulsam como um coração,
palpitando por um dia mais colorido e alegre.
As cores do Brasil?
É cor púrpura de sangue.
Tinta que escorre do corpo,
Que hoje pinta o céu, terra e mar.
Em outros tempos esta Terra já foi mais colorida.

1. Raimundo Teixeira Mendes é o idealizador da bandeira do Brasil. O poeta faz uma crítica porque nela ficaram faltando as cores vermelha e preta.

2. Augusto Comte foi um filósofo francês, fundador da Sociologia e do Positivismo. A expressão “ordem e progresso” é de cunho positivista. O poeta faz uma crítica: Como um país cujo lema é a *Ordem e Progresso admite a matança de indígenas?*



Olívio Jekupé, escritor e poeta de literatura nativa. Aldeia krukutu, São Paulo, comunidade guarani

A literatura indígena nos dias de hoje

OLÍVIO JEKUPÉ

Sou natural do Paraná, mas atualmente moro na Aldeia Krukutu, em São Paulo.

Quando eu era criança, via muitas histórias na tevê e jornais que mostravam muitos problemas com povos indígenas, havia muitas mortes, sem contar inúmeros outros casos que não eram divulgados, e isso me deixava revoltado, por isso é que, quando comecei a escrever, gostava de focar os problemas que aconteciam. Do ano de 1970 a 1980, foi uma época triste no Brasil, a ditadura foi severa com os povos indígenas, por isso comecei a ser um escritor crítico, mas pouco consegui publicar sobre isso, a não ser o livro *Xerekó arandu a morte de kretã*, pela editora Peirópolis, que conta a história de um

líder que foi assassinado – motivo que me levou a escrevê-la. É difícil publicar obras assim, por isso fui obrigado a escrever livros infantis, que são muito importantes. A literatura que trata de temas problemáticos tem grande importância, porém a publicação é difícil.

No Brasil ainda existem muitas dificuldades, muitas aldeias têm problemas com fazendeiros, posseiros, políticos e outros, e poucos se interessam por isso. Acredito que temos de escrever muito a respeito para que possamos mostrar essa realidade aos outros e termos mais gente nos apoiando. Por isso sempre fui assim, meio revoltado com o que acontece com nossos parentes indígenas no Brasil.

Antes não existiam escolas nas aldeias, acredito que elas são importantes porque nossas crianças aprenderão a ser escritores e poderão escrever sobre os problemas do dia a dia.

Aqui no Brasil começaram a surgir os índios cantores e tem um grupo de Dourados, os guaranis caiová, que gravou um CD, cantando em português e caiová. O nome do grupo é BRÔ MC, eles criticam os fazendeiros e sei que muitos não gostam de ouvir o que eles falam. Também tenho um filho que canta *rap*, Kunumi MC, e sempre fala da demarcação, por esse motivo acredito que a música é como um livro.

Quero continuar escrevendo textos críticos sim, e espero que um dia eu tenha a oportunidade de publicar muitos deles; acredito que levando esse tipo de conhecimento às pessoas, elas poderão se conscientizar e valorizar o índio de forma geral.

Sei que a literatura nativa teve grande crescimento e temos hoje vários escritores com livros publicados. A *Lei 11.645* exige a divulgação e debate de temas sobre os povos indígenas, e os professores têm de se aprofundar nessas questões. Os livros escritos por autores indígenas fornecem base cultural para os professores. Assim eles se sentem mais seguros na hora de falar sobre os nativos. E é por isso que a escrita tem seu grande valor.

Hoje há escolas em aldeias de vários lugares e é bom que elas tenham livros de histórias indígenas, pois geralmente os que são enviados para os professores trabalharem são, na verdade, de assuntos não indígenas, ou seja, os do *jurua kuery* (não índios). E se as crianças ficarem lendo essas literaturas, vão valorizar outra cultura, por isso é importante o surgimento de índios escritores, pois a aldeia poderá produzir textos para serem lidos também.

Contato: oliviojekupe@yahoo.com.br

Blog: www.oliviojekupe.blogspot.com

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

500 anos de angústia

É um livro de poesias que faz uma crítica aos 500 anos de sofrimento, imposto ao povo indígena, pelos invasores.

Verá o contador de história

Neste livro, “uso” um kunumi-menino para criar e contar histórias, ele tem esse dom. Muitos imaginam que são sempre os mais velhos os contadores, mas, na verdade, quem conta história já nasce com esse talento.

Iarandu, o cão falante

Neste livro mostro algo interessante, pois muitos dizem que os animais não pensam, mas, por intermédio de um cachorro, que é *iarandu*, um gênio, conversará com um garoto e trocará ideias filosóficas com ele. Quem ler este livro entenderá melhor os cachorros.

Xerekó arando, a morte de Kretã

O livro traz a história de um dos maiores líderes, o primeiro vereador do Brasil, que lutou muito para defender seu povo. Em 1980, a mando de quem não queria o bem dos índios, ele foi assassinado. É um livro emocionante e choro todas as vezes que leio.

O saci verdadeiro

Quero dizer que o saci é um personagem indígena, que tem duas pernas e é o protetor da floresta. Ele é conhecido como Kamba’i ou Jaxy Jatere. E sou o primeiro no Brasil a escrever a história desse personagem.

Ajuda do saci

Em uma aldeia onde não havia escola, um dos *kunumi* desejou estudar, então, para realizar seu sonho, foi morar na cidade de uma família amiga e ficou lá por três anos, até que aconteceu algo triste – ele ficou paraplégico – e teve de voltar para a aldeia. Acontece que sua tristeza chegou até o saci (Jaxy Jaterê). Bem, se ficarem curiosos, leiam o livro para saber o que aconteceu depois.

Arandu ymanguaré

Este livro é pequeno, mas grande em ideias, nele há um pequeno momento de perguntas e respostas e de algumas histórias. Fico feliz por ter recebido muitos elogios dos leitores e espero que você também sinta o mesmo ao lê-lo.

Indiografie

A obra foi publicada na Itália e fiz o lançamento em Roma e em outras cidades. Fui convidado para publicar um livro e resolvi que seria uma coletânea com a participação de outros autores indígenas. Então convidei esses escritores, pois achei que os leitores de lá iriam gostar muito da ideia. E gostaram mesmo, foi o que disseram nos eventos que fiz.

Literatura escrita pelos povos indígenas

Nesta obra tento apresentar um pouco das experiências que tive, desde que iniciei a escrever, no ano de 1984. Também mostro o panorama atual da literatura nativa, escrita por mim e por outros autores.

Tekoa conhecendo uma aldeia indígena

Aqui o personagem é um menino da cidade que deseja conhecer uma aldeia. Durante o tempo que ficará nela, poderá conhecer o dia a dia da comunidade. Quando retorna ao seu lugar de origem, sente-se feliz por ter podido conhecer uma cultura diferente da sua e por notar que o índio não é inferior, apenas diferente culturalmente.

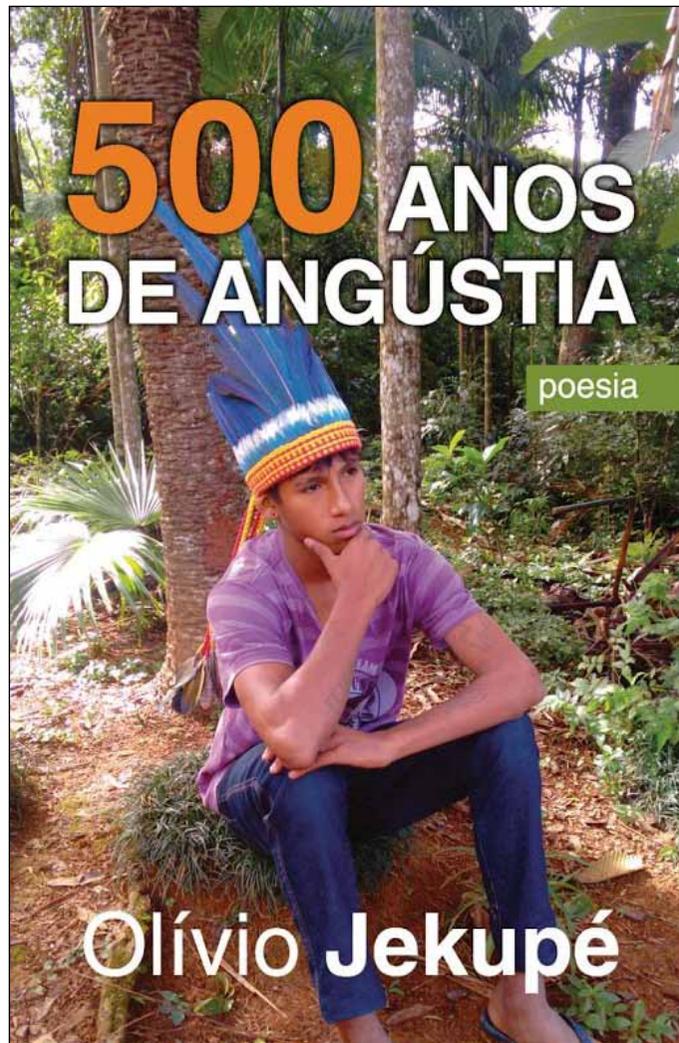
A mulher que virou urutau

Este livro é um mito contado nas aldeias guaranis sobre a história “do” Lua e de uma moça que se apaixonou por “ele”.

Tupã Mirim, o pequeno guerreiro

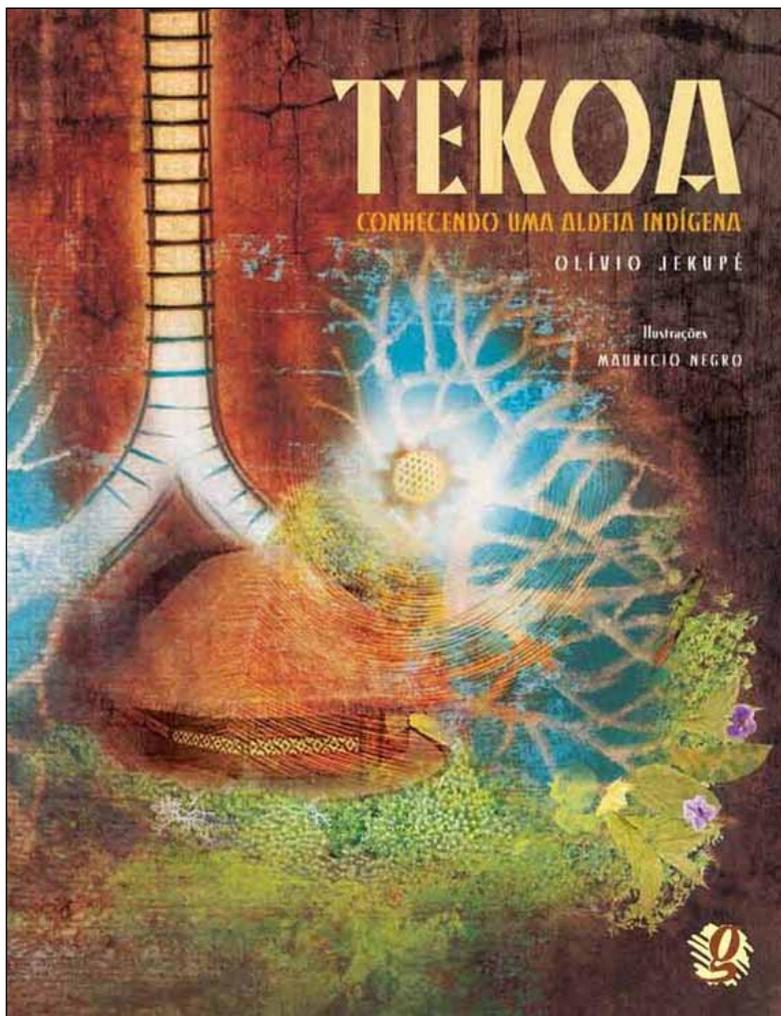
“Tupã Mirim é um jovem índio muito esperto e companheiro. Ele gosta de ir até o lago perto de sua aldeia e de ver os adultos caçarem, e sempre está com seus amigos quando eles fazem competições para ver quem nada mais rápido ou quem sobe primeiro nas árvores. Um dia, porém, Tupã começa a se sentir triste e excluído das atividades feitas pelos jovens, já que possui um problema que os demais índios não têm.” (Martins Fontes Paulista)

Caminhando pelas páginas de Olívio Jekupé



*Hoje o que mais se vê falar, através
Da grande mídia, é sobre
Os 500 anos do Brasil.
Eles querem comemorar,
Mas nosso povo indígena
Não tem o que comemorar.
Pois, desde o primeiro dia
Em que os portugueses pisaram
Aqui nesta terra, o que
Posso dizer é que nosso povo
Entrou numa grande enrascada.
Com a chegada deles, começaram
A pegar doenças, as terras sendo roubadas,
Nossos rios e matas sendo mortos,
Nossa cultura sendo desrespeitada.
E nossa gente sendo assassinada, pior que animais...
E os problemas que aconteceram, em 1500,
Nos dias de hoje
Também acontecem, e é por
Isso que fico angustiado, todas as vezes
Em que a mídia fala em comemorar os 500 anos,
Que, para o nosso povo,
Foram 500 anos de angústia.*

(Do livro, "500 anos de angústia" de Olívio Jekupé.)



“Conforme combinado, meu pai voltou para me buscar no fim das férias. É claro que sentia saudades de casa. Mas quando meu pai chegou senti uma baita tristeza. Voltar para a agitação de São Paulo. Reencontrar o cheiro de fumaça, os sujos rios Tietê e Pinheiros, a gritaria das pessoas, os barulhos dos carros, máquinas, indústrias, sirenes e celulares. A realidade onde nasci e cresci me pareceu muito distante da vida da aldeia.

Quando nos despedimos já era tarde.

Desde então, as memórias da aldeia me acompanhavam. Saudade é uma distância que não se mede em quilômetros. Aquela gente igual, mas tão diferente. Um povo cuja cultura é tão antiga e cheia de sentidos. Discriminada apenas por quem nunca compartilhou o saber Guarani. Aquele que se julga superior, na realidade, não sabe o lugar que ocupa no mundo. Por vezes, desconhece suas próprias raízes, sufocadas sob o asfalto quente da cidade. Podemos aprender uns com os outros, tenho certeza. Enquanto for tempo e desde que a gente abra espaço para isso” – (Tekoa; Olívio Jekupe; p. 27; Editora Global).

Mais uma dica de leitura:

“Mito de Origem do Povo Terena” – Irineu Nje’a

O prefácio

Sobre as histórias das civilizações que se aprende nas escolas, cada uma delas tem uma perspectiva diferente sobre como surgiu a humanidade na Terra. Com os povos indígenas no Brasil, não é diferente, pois cada etnia indígena tem suas lendas e mitos, e são contados a sua maneira.

Desde a chegada dos europeus, o indígena tem enfrentado o maior genocídio ocorrido na história do Brasil, e isso permeia ainda nos dias de hoje camuflado pela mídia, mas o indígena está sendo protagonista de sua própria história, participando ativamente no campo da democracia. Nós, indígenas, estamos escrevendo e registrando a nossa própria história, exemplo disso é o mito de origem que será contado neste livro ilustrado, contribuindo para um legado para as futuras gerações.

Poderá ser observada na cosmologia da história do mito, a essência da vida, o início de tudo no universo; tudo ganha forma, tudo ganha sentido. Se para uns a vida começa com Adão e Eva, ou com a teoria da Evolu-

ção, o povo indígena possui a sua história, que é tão importante quanto as outras que se aprende nas escolas, igrejas etc. Nas escolas se aprende sobre mitos gregos, mas também se pode aprender os mitos de origem indígena, que são inatos ao próprio ser e identidade que não pode se perder no tempo e no espaço. O fortalecimento da história do mito, na Reserva Indígena Araribá é fundamental, havendo aproveitamento do acervo da oralidade que ainda existe entre os indígenas mais velhos, para os mais jovens da aldeia. História do mito de origem é um elemento da tradição oral indígena, importante entre os mais jovens, mas está se perdendo devido à tecnologia.

O livro ilustrado ajudará na compreensão e será mais fácil repassá-la para as novas gerações, tanto para o povo indígena quanto aos da cidade, e assim a história ficará eternizada na sociedade.

(“Mito de Origem do Povo Terena”, de Irineu Nje’a, p.3)



Irineu Nje'a



I – Juca Pirama – Gonçalves Dias (1851)

PESQUISA DE THELMA KASSNER CALIL JORGE (TÉCNICA/FDE)

O texto é uma espécie de síntese do indianismo seja pela concepção épico-dramática da bravura e da generosidade de tupis e timbiras, seja pela ruptura, ainda que momentânea, da convencional coragem guerreira, seja ainda pelo belíssimo jogo de ritmos que ocorre no texto. *I-Juca Pirama* significa “aquele que vai morrer” ou “aquele que é digno de ser morto”. Em sua abertura, o poeta apresenta o cenário onde transcorrerá a história.

Em seguida, inicia-se um ritual antropofágico. O jovem prisioneiro tupi, que vai ser devorado, resolve falar antes do desenlace, e com “triste voz” narra a sua vida desventurada.

O índio tupi no seu canto de morte lembra o velho pai, cego e débil, vagando sozinho, sem amparo pela floresta, e pede para viver.

O chefe timbira manda soltá-lo. Não quer “*com carne vil enfraquecer os fortes*”. Solto, o jovem tupi perambula



Foto: <https://warriorpublications.wordpress.com/2013/11/22/2013-indigenous-games-in-brazil-photos-and-article/>

pela floresta até encontrar o pai. Este, pelo cheiro das tintas utilizadas no ritual, pelo apalpar do crânio raspado do filho, e por algumas perguntas sem resposta, desconfia de uma terrível fraqueza diante dos inimigos. Pede então que o rapaz o leve até a aldeia timbira. Lá chegando, exige, em nome da honra tupi, que a cerimônia antropofágica ritual seja completada e que o filho seja morto. Mas o chefe timbira recusa-se, acusando o guerreiro tupi de ter chorado covardemente diante de toda a aldeia. Neste momento, o velho cego amaldiçoa o seu descendente.

Mal termina a maldição, o velho escuta o grito de guerra do filho. Ouvindo o rumor da batalha, os sons de golpes, o pai percebe que o filho está lutando para manter a honra tupi, até que o chefe timbira manda seus guerreiros pararem, pois o jovem inimigo se batia com

tamanha coragem que se mostrava digno do ritual antropofágico. Com lágrimas de alegria, o velho tupi exclama: “Este, sim, que é meu filho muito amado!”

Como chave de ouro do poema, ocorre uma transposição temporal no seu último canto. O leitor fica sabendo que os acontecimentos dramáticos vividos pelos dois tupis já tinham ocorrido muito tempo e que tudo aquilo era matéria evocada pela memória de um velho timbira:

*“Um velho timbira, coberto de glória,
guardou a memória
do moço guerreiro, do velho Tupi!*

*E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
do que ele contava,
Dizia prudente: - Meninos, eu vi!”*

ACESSE:

I-Juca Pirama – Terra – Literatura Brasileira

http://educaterra.terra.com.br/literatura/romantismo/romantismo_17.htm

O poema tem X cantos e pode ser lido em:

<http://www.biblio.com.br/defaultz.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/GoncalvesDias/IJucaPirama.htm>



PARA SABER MAIS...

Antônio Gonçalves Dias

(Caxias, 10/08/1823 – Guimarães, 3/11/1864)

Gonçalves Dias foi um jornalista, advogado e poeta brasileiro. É considerado um dos principais representantes do Romantismo do século XIX. Fez parte da *Primeira Geração do Romantismo*, também conhecida como *Geração indianista* ou *Nacionalista*.

Foi influenciado pela literatura romântica portuguesa, principalmente de Almeida Garret e Alexandre Herculano, no período que estudou Direito na Universidade de Coimbra (Portugal).

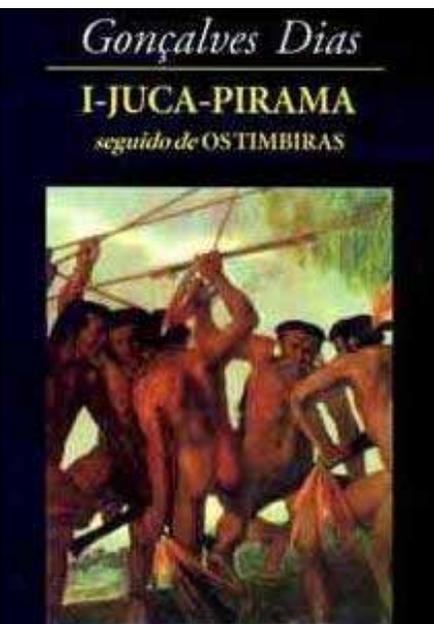
Características de seu estilo literário:

- Representação romântica e valorização do indígena brasileiro e sua cultura.
- Poesias escritas buscando sempre a perfeição rítmica e formal.
- Poemas marcados pela presença de rima, musicalidade e métrica.

- Retratou também, de forma positiva, os negros.
- Exaltou as belezas naturais do Brasil.
- Retratou temas ligados aos valores medievais (principalmente dos cavaleiros), transportados para o contexto brasileiro.
- Abordou também a religiosidade de caráter cristão.
- Em suas poesias, abordou o sentimentalismo.

Principais obras e poesias de Gonçalves Dias:

- *I-Juca Pirama*
- *Primeiros cantos*
- *Leonor de Mendonça*
- *Leito de folhas verdes*
- *Marabá*
- *Canção do tamoio*
- *Últimos cantos*
- *O canto do piaga*
- *Se se morre de amor*
- *Os timbiras*
- *Lira varia*



Fonte: http://www.suapesquisa.com/quemfoi/goncalves_dias.htm

I Encontro Regional da Educação Escolar Indígena Professor Edevaldo Cotui

ROSANA ZAMANA DE SOUZA SANCHES
(PCNP PROJETOS ESPECIAIS)

A Diretoria de Ensino da Região de Tupã e a EE Indígena Índia Vanuíre promoveram, nos dias 8 e 9 de outubro de 2016, o *I Encontro Regional da Educação Escolar Indígena Professor Edevaldo Cotui*.

Nesse encontro, os professores indígenas discutiram e refletiram aspectos da Educação Escolar Indígena, com o objetivo de qualificá-la ainda mais, de modo a responder às necessidades, interesses e anseios da comunidade, bem como pensar alternativas que visem à preservação da cultura e da língua das diversas etnias: caingangue, crenaque, terena, pan-cararu, fulniô e aticum (município de Arco-Íris)

e caingangue e terena (município de Braúna).

A pauta também trouxe espaço para que houvesse intercâmbio de boas práticas entre a EE Índia Vanuíre, do município de Arco-Íris (DE Tupã), e a EEI Índia Maria Rosa, do município de Braúna (DE Penápolis).

O encontro promoveu o desenvolvimento profissional, pedagógico e cultural dos professores e, conseqüentemente, fortaleceu neles o senso de sustentabilidade que permeia a vida e o fazer diário.

A avaliação do encontro foi bastante positiva por parte dos participantes e basta agora aguardar os frutos e as flores.



Workshop Sustentabilidade Energia Solar

PROGRAMAÇÃO

Palestras

“Pedagogia da alternância e pesquisas atuais”, pela pedagoga Marielen Barbosa Araújo, especialista em Educação de Jovens e Adultos (assentamento na região do Pontal do Paranapanema).

“Relação do território e a preservação cultural”, pelo professor doutor Luís Antonio Barone, da Unesp de Presidente Prudente).

Oficina

“Vestígios arqueológicos indígenas do Oeste Paulista”, pela professora livre-docente doutora Neide Barrocá Fácchio (Unesp de Presidente Prudente).

Workshop

“Sustentabilidade Energia Solar”, pelo professor mestre Aparecido Pontes (Instituto Federal de Boituva) e pela empresa Sólis e Agroecologia.



Palestra Pedagogia da Alternância



Exposição das Boas Práticas Escolares das EEs



Oficina de Agroecologia



Oficina sobre Vestígios arqueológicos indígenas do Oeste Paulista

Brincadeiras tradicionais da cultura guarani no PEF da Escola Indígena – Djekupé Amba Arandy DE Norte 1

CÁSSIO MARTIM PEREIRA



Cassio Martim Pereira, vice-diretor do *Programa Escola da Família*.

O vice-diretor do PEF da escola Djekupé, Cassio Martim Pereira, conta que, aos finais de semana, atividades como brinquedoteca, desenho livre, pinturas a guache, jogos (dama, pebolim e voleibol) e reforço escolar fazem parte da programação que é oferecida à comunidade guarani. Todas elas são coordenadas por dois educadores universitários, bolsistas do *Programa Escola da Família*.

Brincadeiras tradicionais, que fazem parte do repertório cultural dos nativos, também são desenvolvidas dentro da escola e no terreno da aldeia Tekoa Pyau, ali crianças e jovens se divertem, alegres, como a passarinhada depois da chuva.

Cassio descreve algumas das brincadeiras:

BRINCADEIRA DA MANDIOCA

Nhanhevanga Mandi'ó Ra'anga Py

Um jogador segura em uma árvore (pode ser um poste) sentado no chão, os outros jogadores ficam em fila, sentados também, segurando na cintura um do outro.

Estes simulam as raízes da mandioca que outro jogador tentará arrancar.

O jogador do final da fila vai puxando e quem solta vai saindo como se fosse pedaço da raiz. E assim prossegue, até arrancar todas as raízes (jogadores). A fileira se refaz e é escolhido outro jogador para arrancar “as raízes”.

Visualize a brincadeira, clicando aqui:

<https://youtu.be/xDeKjIndTTs>



Brincadeira da Mandioca

BRINCADEIRA DA ONÇA

Nhanhevanga Aguara Ra'anga Py

São feitas três divisões (três linhas em uma quadra, por exemplo), no espaço em que se pretende jogar.

Na linha central fica a onça, nos extremos ficam outros jogadores divididos em dois grupos, denominados “indiozinhos”, estes tentarão passar pelo caminho entre as aldeias.

Os jogadores correm até o lado oposto, tentando não serem pegos pela onça. Os que forem pegos se tornarão onça e tentarão pegar os jogadores que continuarem passando.

O jogador que não for pego vencerá o jogo.

Visualize a brincadeira, clicando aqui:

<https://youtu.be/lj7XfLHFOol>

BRINCADEIRA DO GATO E RATO

Nhanhevanga Anguja Há'e Xivi'i

Seis ou mais jogadores formam um círculo, dando ambas as mãos e mantendo-as juntas.

É escolhido um jogador que será denominado *rato* e o outro que será o *gato*.

O rato fica dentro de um círculo que é formado por crianças, ele só pode sair ou entrar se passar entre as pernas delas. O espaço entre as pernas representa a entrada da toca do rato. Já o gato passa entre as mãos das crianças.

O gato tenta pegar o rato, as crianças que estão no círculo não podem deixar o gato entrar ou sair, e não podem desfazer o círculo, o rato pode entrar e sair livremente.

O gato vai caçando o rato e, quando consegue capturá-lo, outro rato e gato são escolhidos para reiniciarem a brincadeira.

Visualize a brincadeira, clicando aqui:

<https://youtu.be/Sa6bnqWzTng>

JOGO DE TABULEIRO

Jaguarete

Objetivo: o cachorro tenta encurralar a onça, deixando-a em um dos cantos do tabuleiro; a onça tenta comer o maior número de cachorros.

Descrição: dispor os cachorros e as onças no tabuleiro. A onça fica no centro do tabuleiro. Os cachorros ficam espalhados formando um quadrado. A parte do triângulo chamada de jaula deve ficar vazia.

O jogador que representa os cachorros começa.

Os cachorros podem se mover para todos os lados, seguindo as linhas do tabuleiro. Eles devem tentar encurralar a onça, tanto na jaula quanto em outro canto do tabuleiro. A onça também pode se mover para qualquer direção, desde que siga as linhas desenhadas.

Quando a onça não tiver mais nenhum caminho para fazer, ela perde o jogo.

Se a onça conseguir comer pelo menos seis cachorros, ela vence o jogo.

Visualize a brincadeira, clicando aqui:

<https://youtu.be/A1Nz6yEaKLg>

Se gostar das brincadeiras, faça-as em sua escola. Será uma boa oportunidade para que as comunidades conheçam a cultura indígena e tenham momentos de bastante descontração.

PARA SABER MAIS...



A Aldeia Guarani Tekoa Pyau está localizada na Estrada Turística do Jaraguá, na Zona Oeste de São Paulo. Seu líder espiritual e social é o Cacique e Pajé Guirá-Pepó – José Fernandes, que orienta os destinos da aldeia, juntamente com um conselho representativo, formado, em sua maioria, por anciões.

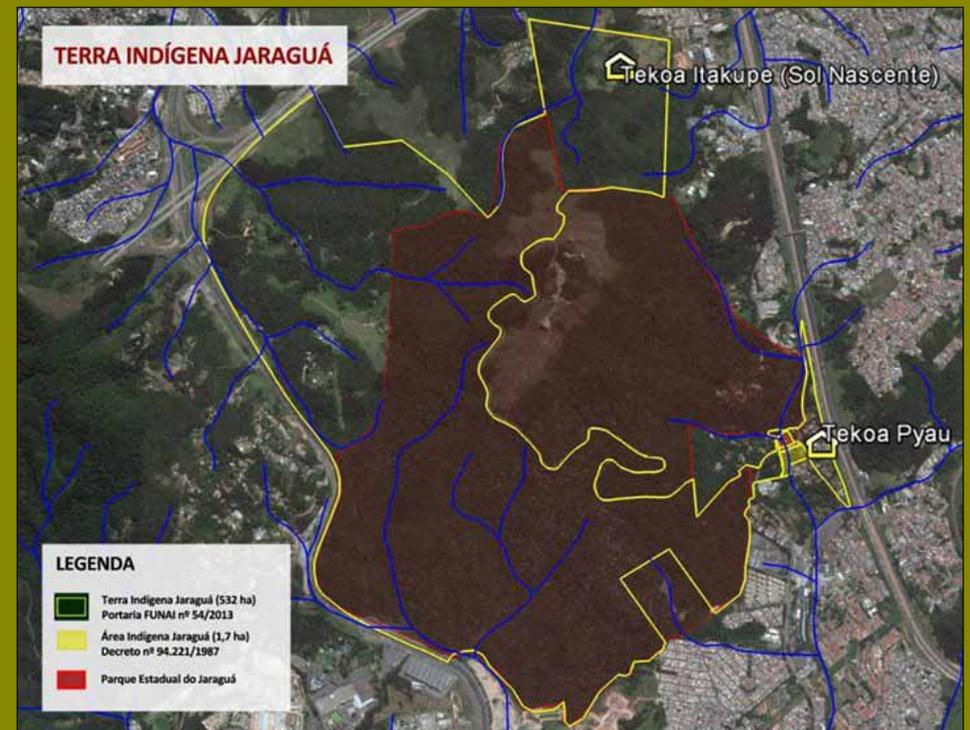
Como a aldeia está localizada dentro de uma grande metrópole, muitos são os problemas relacionados à interferência branca em seus usos e costumes.

Os recursos necessários à sobrevivência provêm da venda de artesanato, da ajuda dos órgãos competentes e de doações de grupos que se mobilizam para auxiliá-los.

Fonte: <http://tekoapyau.zip.net/>

Rotina da Aldeia Guarani Tekoa Pyau – São Paulo/SP:

<https://www.youtube.com/watch?v=acStMcfu6Y8>



Fonte: <http://vaidape.com.br/2014/07/aldeia-guarani-no-jaragua-e-ameacada-de-despejo-no-proximo-domingo/>

O PEF em ritmo de Carnaval Tamborins aquecidos! DE Santo André

SOLANGE P. BAILÃO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Nas escolas de nossa Diretoria, o mês de fevereiro teve um colorido especial: a ideia de oferecer atividades diferenciadas, centradas no tema Carnaval, conforme sugestão da Coordenação Geral, foi bem aceita e a participação do público, grande, se comparada à mesma época do ano anterior.

As ações começaram com orientação técnica, para os vice-diretores, e essas trouxeram diversas oficinas práticas sobre o tema. O objetivo era compartilhar ideias para que fossem multiplicadas nas escolas e apresentadas às comunidades do PEF.



“Quanto riso, oh, quanta alegria...”

Oficinas desenvolvidas

- Desenho livre sobre dicas de cuidados com a saúde no Carnaval, tais como: alimentação saudável à base de frutas, hidratação constante e atenção à exposição ao sol.
- Saber brincar com civilidade e respeito.
- Uso de preservativos (sessão de perguntas e respostas).
- Confecção de máscaras carnavalescas, ioiô chinês e colares havaianos.
- Colagem e montagem de painéis.
- Criação de fantasias com TNT.
- Criação de bonecos com garrafas PET.
- Contação de histórias sobre a origem do Carnaval.
- História das escolas de samba dos bairros, com exposição de fotos (trajetória).
- Matinê com marchinhas antigas.

Essa dinâmica de atividades envolveu todos os educadores e trouxe importantes conquistas, tais como: integração mais intensa entre a escola e a comunidade, incluindo-se aqui as famílias de alunos; colaboração de alunos no monitoramento e realização das atividades; aumento de participação feminina nas atividades (em algumas escolas); muito interesse, animação e atuação.

A vice-diretora da EE Antonio Adib Chammas, Teresa Cristina da Silva, declarou: “Foi importante observar e perceber o interesse das crianças em aprender e participar das atividades propostas, com atenção, criatividade, responsabilidade e muito dinamismo. O esforço, apoio e parceria das mães, do voluntário e de quem se comprometeu a ajudar, contribuíram – e muito – para o sucesso do evento”.



Decoração feita pela comunidade



Educadores do PEF

Projeto de sustentabilidade é reconhecido pela Unesco

DE Suzano

VALDINEA CILENE VICENTINI (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

A EE Paulo Kobayashi, da DE Suzano, participou do *Programa das Escolas Associadas à Unesco* –, que tem como objetivo desenvolver, em escolas, ações sobre o tema Sustentabilidade e Meio Ambiente.

Para participar, a unidade escolar organizou um projeto envolvendo as comunidades intra e extraescolar, implantou-o e, somente depois, o encaminhou à Unesco (França), para que essa organização o avaliasse na íntegra – da concepção aos resultados obtidos. Se aprovado, a escola receberia permissão para usar o símbolo do PEA – Unesco e seria declarada **Escola Associada à Unesco**.

Então, no dia 14 de fevereiro deste ano, chegou a notícia de que a escola fora reconhecida e, juntamente com a conquista, vieram as congratulações. A vice-diretora do PEF da EE Paulo Kobayashi, Lia Machado, ao tomar conhecimento do fato, manifestou-se entusiasmada:



Somos parte do meio ambiente. Então, por que não cuidar?

A ação foi desenvolvida com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre a importância de se preservar o meio ambiente. Aquilo que era considerado lixo para muitos, foi transformado em peças utilitárias ou de arte. Também ensinamos a plantar mudas em pneus e em garrafas PET, no próprio jardim da escola. Também foi feita a manutenção do jardim, e a Gincana da Limpeza, que ocorre todos os finais de semana, tem conseguido manter a escola limpa. O conceito de preservação do meio ambiente vem sendo praticado, e utilizar alimentos, água e energia, de forma correta e sem desperdício, é uma preocupação constante da escola.

O interessante é que o comportamento sustentável incentiva outros a quererem agir igual!

Caminhantes do PEF DE Diadema

ELBA VIANNA MODESTO (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Porque caminhar também é preciso.

A caminhada “*Um dia na escola do meu filho*”, promovida por meio da ação “*Pensar, Caminhar e Criar*”, foi organizada na EE Deputado Gregório Bezerra e teve a participação da PCNP Elba Modesto, dos gestores, professores, funcionários, conselheiros da unidade escolar, membros da APM e do Grêmio Estudantil, educadores do PEF e até do conselheiro tutelar Alessandro Alves. Enfim, a ação envolveu muita gente.

A ação provocou boa discussão entre os participantes do *Programa Escola da Família* acerca de questões sobre sustentabilidade, e também propiciou reflexão sobre onde a escola e seus participantes estão inseridos,

o que valorizou ainda mais a proposta pedagógica escolar, que tem o **meio ambiente** como um dos temas para 2017.

Para que a caminhada acontecesse a contento e atingisse seus objetivos, reuniram-se, previamente, alunos representantes de sala, integrantes do Grêmio Estudantil e do Conselho Escolar, sob orientação da direção da unidade escolar e da vice-direção do PEF.

Nesses encontros foram acertados alguns itens que fariam parte da organização do evento, como: formação da equipe responsável pela caminhada na escola, roteiro com pontos de partida e de chegada, roteiro de observação, percurso adequado ao público, ações de divulgação, autorização dos res-



Juntos: da organização até o dia da caminhada.

responsáveis, convite para profissionais da região que quisessem participar etc.

O planejamento e o envolvimento responsável das pessoas colaboraram para que a caminhada fosse realizada em 29 de abril, sábado, com saída da unidade escolar às 10h e chegada às 12h, ao *Parque Ecológico*

(bairro do Eldorado, Diadema/SP). A manhã desse dia iniciou com o acolhimento dos alunos e de seus responsáveis na unidade escolar, quando houve distribuição de garrafas d'água, copos e maçãs.

Para que todos estivessem imbuídos do mesmo espírito e preparados, o roteiro de

observação foi revisitado e salientados os aspectos que mereceriam registro, como: paisagem (mata, represa, plantas, solo), arquitetura do bairro, pessoas, animais etc. O registro poderia ser feito em fotos, gravação de vídeo e anotações. Tudo isso seria exibido em exposição.

O percurso traçado apresentou peculiaridades, pois a escola está inserida em uma área de manancial e também rural, próxima à Represa Billings, à Universidade Federal de São Paulo, à ONG Beija-Flor e ao comércio. Então haveria muito a ser observado.

A caminhada transcorreu organizada e tranquilamente e contou com um grupo de professores, responsável pelo controle do tráfego do percurso. Também houve a colaboração de pequenos grupos em pontos estratégicos da caminhada, ou seja, em seu começo, meio e fim, para se evitar a dispersão. O bacana é que os caminhantes permaneceram coesos durante todo o trajeto, sem perderem o senso de observação e a chance de, também, poderem viver momentos prazerosos.

Carnaval de Marchinhas

DE Mirante do Paranapanema

ESTER GARCIA BARBOSA (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)

O *Programa Escola da Família* reedita, desde 2012, o *Carnaval de Marchinhas*. O intuito é resgatar a linda festa que acontecia em Mirante do Paranapanema e que deixou de ser realizada há mais de 25 anos.

Neste ano, no dia 18 de fevereiro, em parceria com o *Rotary Club* local, ao som de marchinhas tradicionais, como *Jardineira*, *Mãe eu quero*, *Ó abre alas*, *Me dá um dinheiro aí* etc., o *Programa Escola da Família* realizou o 5º *Carnaval de Marchinhas*, com apoio de parceiros, ex-bolsistas e comunidade.

Tudo foi pensado com muito carinho: a banda, a iluminação, a decoração do clube, enfim, tudo! O evento atraiu bastante gente

e todos brincaram e pularam, como se fossem os foliões de antigamente. A festa, que é do povo e para o povo, a cada ano ganha um brilho, uma atração nova nos espaços do PEF.

A Coordenação Regional ficou bastante satisfeita com as colaborações recebidas do *Rotary Clube* (grande parceiro!) e dos vice-diretores do PEF, que não pouparam esforços e criatividade. Isso proporcionou alegria e bem-estar a quase 250 pessoas da comunidade.

E que venham outros carnavais alegres, trazendo as músicas e as fantasias de um tempo que parecia estar adormecido, mas que, no PEF, ganhou alma nova, voz e samba no pés.



Os foliões do *Programa Escola da Família*



Entre brilhos, confetes e serpentinas

Hora de reabrir os portões para as comunidades

DE Suzano

VALDINEIA VICENTINI (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Tapete vermelho para receber a comunidade

A Coordenação Regional da Diretoria de Suzano esteve em reunião com todos os educadores do *Programa Escola da Família* para, juntos, lerem e discutirem o planejamento para 2017, assim como pensarem ações e atividades a serem oferecidas às comunidades aos finais de semana.

O tema proposto pela Secretaria da Educação para 2017 é **Gestão Participativa Democrática** e, como acontece anualmente, o PEF buscou alinhar-se às orientações da SEE e ofereceu às Coordenações Regionais material conceitual e várias opções de atividade, podendo, obviamente, cada escola criar sua própria programação.

Após o Planejamento na Coordenação Regional, nos dias 4 e 5 de fevereiro, as comunidades foram recebidas com um tapete vermelho – literalmente – e com um delicioso lanche. Em clima de integração com a semana letiva, os vice-diretores do Programa realizaram dinâmicas

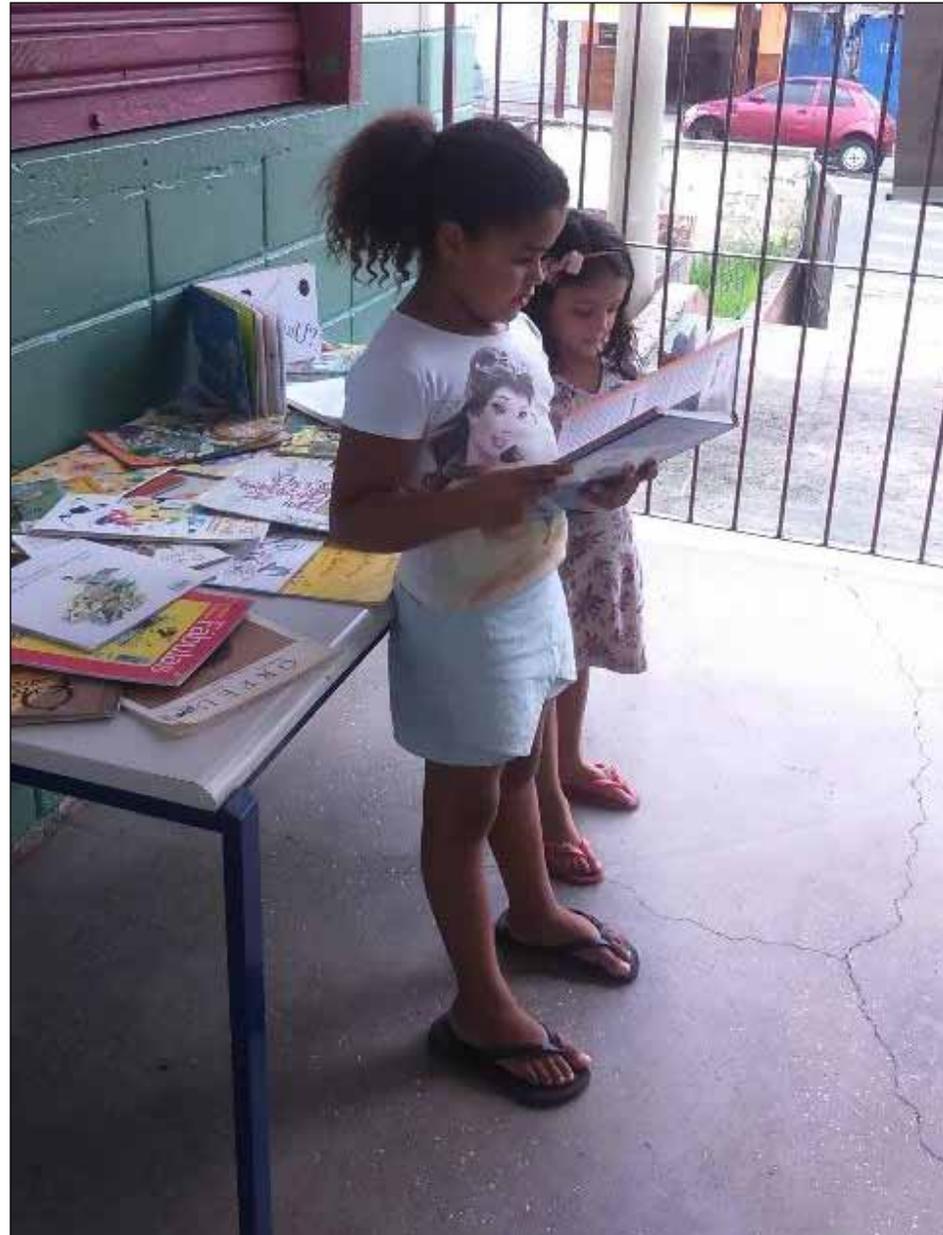
de acolhimento, envolvendo professores, alunos, pais e responsáveis. Na sequência foi exibido um vídeo e ressaltada a importância da participação dos pais e responsáveis na vida escolar de seus filhos e na dinâmica da escola, afinal, a gestão compartilhada é o que se busca como modelo de escola.

Também foram construídas duas Árvores do Sonho – uma pelos alunos e outra pelos professores. Nelas foram fixados desejos e expectativas para o ano.

Uma incursão pelas dependências da escola foi feita pelos alunos, que acabaram por conhecer melhor o espaço físico da secretaria e todo o trabalho que ali é desenvolvido por seus funcionários.

Nesse ritmo, as comunidades do PEF vão povoando novamente os espaços escolares e assim vão surgindo as turmas: do *skate*, das oficinas de desenho e pintura, do tênis de mesa, do Projeto Comunidade Leitora, dos jogos etc.

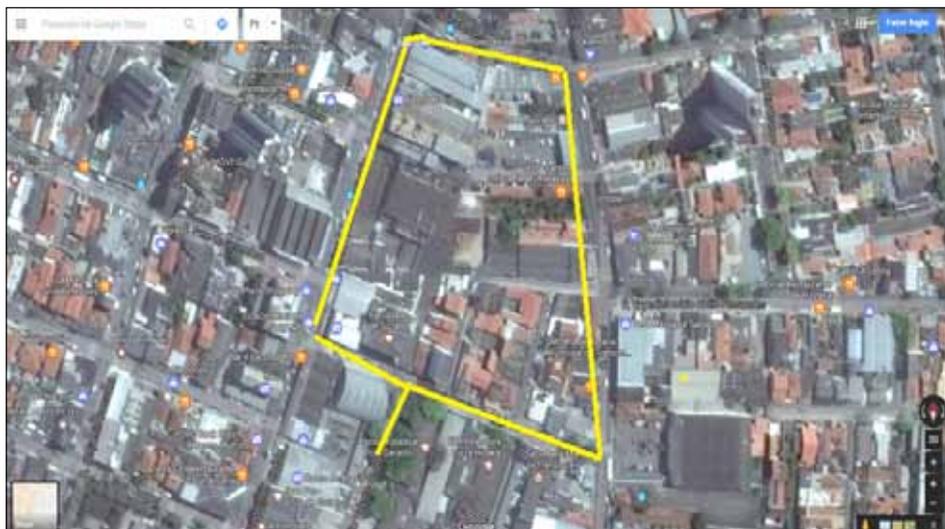
É a vida inaugurando o ano novo!



Projeto Comunidade Leitora

Com a palavra: Coordenação Regional de Suzano

VALDINEIA VICENTINI (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Região de Suzano.

Queremos compartilhar a formação que realizamos com os vice-diretores do *Programa Escola da Família*, referente à *Caminhada com Arte – Projeto Pensar, Caminhar e Criar*¹.

1. A ação *Pensar, Caminhar e Criar* tem o objetivo de provocar discussão entre os participantes do *Programa Escola da Família* acerca de questões sobre Sustentabilidade. A ação acontecerá ao longo do ano 2017 e culminará com exposições sobre os registros feitos (desenho, fotografia etc.).

Uma caminhada pode contribuir para a prática da Sustentabilidade? Se pretendemos deixar um mundo melhor ou pelo menos igual ao que encontramos para as futuras gerações, precisamos estimular nossos sentidos e percepções, nossa convivência, tolerância, nossa observação sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o ambiente onde vivemos.

Para isso, propomos *caminhadas exploratórias* que possam ser feitas em espaços públicos ou privados, urbanos ou rurais, para a ressignificação de locais muitas vezes já conhecidos por nós, ou, ainda, para a descoberta de outros nunca antes explorados.

O ato de caminhar como forma de exploração de lugares não tem o objetivo de promover disputa entre quem caminha; sua natureza é bem outra e possui outro ritmo. O que importa é sentir o lugar, o percurso, as pessoas e como o corpo reage a essa situação. Devem ser considerados, em uma caminhada, aspectos como: convivência entre as pessoas, apreensão quanto à nova situação que será vivenciada e desenvolvimento da observação por parte de todos os caminhantes.

Primeiramente nos reunimos com os vice-diretores para discutir os propósitos desse evento e a melhor forma de organizá-lo. Contamos com a colaboração da PCNP de Arte, Eliana Florindo, que orientou quanto ao “olhar” e ao “criar” que se deve ter durante a caminhada, como também, dicas de como apurá-los.

Previamente, tivemos o cuidado de estudar o Currículo da Secretaria da Educação do Estado para elaborarmos as atividades. Isso ajudou a que o *Programa Escola da Família* ficasse afinado com o que é ensinado e aprendido em sala de aula, assim, nada seria planejado de forma descontextualizada e isolada.

O planejamento de atividades seguiu uma sistemática de ações que garantisse ao grupo: ciência do que se estava preparando, pesquisa, oficina de ideias e organização do passo a passo. Aqui segue a síntese de cada atividade:

Atividade 1 – Caminhar com Arte

Com o Google Maps, traçamos rotas no entorno da escola onde realizamos a formação; o grupo foi dividido em equipes e essas percorreram o caminho proposto, realizando registros fotográficos e filmagens.

Após tempo estipulado, as equipes retornaram e cumpriram esta comanda: que elaborassem apresentação das fotos tiradas pelo caminho, juntamente com um relato.

Atividade 2 – Estudo de Obras Literárias

Com base em obras literárias, a Diretoria organizou atividades diferenciadas. A proposta era que essa ação acontecesse aos finais de semana, no âmbito do Projeto Comunidade Leitora. Objetivo: promover discussão sobre o assunto com a comunidade.

Atividade 3 – Identificando o Espaço

Cada equipe, de posse de um mapa geográfico do município, localizou sua escola na região/bairro onde ela está inserida e destacou pontos para serem observados. Em seguida, em uma roda de conversa, os educadores elencaram os pontos positivos e os negativos percebidos no bairro.

Após o grupo ter passado por essas três fases preparatórias, a Coordenação Regional fez considerações acerca do vivenciado e salientou que “toda ação que envolve sustentabilidade somente traz resultado quando se consegue mudanças atitudinais nas pessoas”.

Cursinho prepara o ENEM e vestibulares DE Barretos

EDNA MASCARENHAS SANTANA DE SOUZA (VICE-DIRETORA/PEF)



Aulas dinâmicas e interativas de Biologia com o professor Danilo.

Este projeto teve início em 2013, no *Programa Escola da Família* da EE Enoch Garcia Leal (diretora Conceição Aparecida Tosta Moura). O cursinho foi idealizado pela vice-diretora, Edna Mascarenhas Santana de Souza, com o objetivo de transpor barreiras e quebrar paradigmas sociais e étnicos impostos pela própria sociedade, que impedem o acesso de alunos e pessoas da comunidade ao ensino de nível superior. E a maneira encontrada para driblar esse impasse foi captar gente apaixonada pelo que faz, que se voluntariasse para ministrar aulas preparatórias para se alcançar bons resultados no ENEM, já que esse é um atalho para faculdades e universidades.

O cursinho funciona todos os sábados, das 9h às 17h, na cidade de Guáira, e possui nove disciplinas: Língua Portuguesa, Redação, Inglês, Biologia, Física, Química, História, Geografia e Matemática. Os professores são voluntários formados ou estudantes das áreas. As vagas são oferecidas mediante processo seletivo, que é realizado com uma dissertação. O bom desempenho do candidato garante ingresso no cursinho.



A turma realizando simulado.



Fernando Martins Parreira é educador universitário e ministra aulas de Geografia.

A metodologia do curso baseia-se nas competências e habilidades do ENEM. Existe uma sistemática: os alunos recebem previamente o conteúdo programático por *e-mail* e também em um grupo do Facebook, assim eles se inteiram, estudam e vão às aulas apenas para tirar dúvidas. Também é praxe os professores trabalharem com a resolução de exercícios e com assuntos de avaliações de anos anteriores do ENEM.

O cursinho visa desenvolver novos hábitos de estudo nos participantes e fazer-lhes perceber que o empenho individual é fator determinante de sucesso, mais até do que a valiosa colaboração dos professores, já que a carga horária do cursinho é diminuta.

Atualmente o cursinho conta com a dedicação destes professores voluntários: Mirian Aiako Miata (Literatura), Marjorie Cristina Ficher Bonjorno (Gramática e Redação), Pablo Fernando Lima (Matemática), João Paulo Ribeiro Beraldo (História), Fernando Martins Parreira (Geografia), Vandeir de Moura Gonçalves (Física), Vanessa Moura (Química) e Beatriz Vaccaro Carvalho (Biologia).

Gente do bem trabalhando em prol de vidas, de sonhos e de realizações!

Dia Internacional da Mulher

DE Mauá

ROBERTO (PCNP DE PROJETOS ESPECIAIS)

Em 25 de março, na EE Marisa Afonso Salero, no município de Ribeirão Pires, foi comemorado o *Dia Internacional da Mulher*, em parceria com a ONG Casa de Mãe. Nesse dia mulheres e famílias da comunidade assistiram a uma palestra sobre o Projeto Casa de Mãe, que auxilia as que necessitam de serviços sociais. Também houve mensagens de apoio para quem é e/ou cumpre esse papel e, além disso, sorteio e cadastro de famílias carentes para participação em atividades de entretenimento.

A apresentação musical de três voluntárias de Angola, alunas da Universidade Metodista, abrilhantou o evento. As músicas cantadas exaltaram a vida e energizaram o ambiente. Não é à toa que este ditado popular é sábio e eterno: Quem canta, seus males espanta!

A programação ainda contou com palestra pela Federação Metodista de Mulheres e, com um coquetel de encerramento.

Tudo foi coordenado pelo vice-diretor do PEF, Vicente de Paula Rodrigues, que não mediu esforços para obter bons resultados. A comunidade esteve presente, participando, interessada, de cada apresentação e oficina.

Atualmente o PEF desta escola está sem educadores universitários, mas os voluntários assumiram cada item da programação, e de tal forma, que não houve situações difíceis que fossem intransponíveis. Graças a tamanho empenho e responsabilidade, a escola recebeu, com ânimo, organização e alegria, um público de 236 pessoas.



Canto de exaltação à vida, pelas alunas da Faculdade Metodista.

Governador visita Oficina de Sabonete Artesanal

DE Norte 1

JUVELINO CARABANTE (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



Conhecendo de perto a produção de sabonetes.

No dia 4 de março, o governador Geraldo Alckmin visitou o *Programa Escola da Família* da Diretoria Norte 1. Na ocasião, pôde conhecer atividades e oficinas que são oferecidas às comunidades de várias escolas, aos sábados e domingos.

O PEF da EE Professora Olinda Leite Sinisgalli esteve presente com sua aromática Oficina de Sabonete Artesanal. Este item de higiene, além de indispensável, é também um carinho para quem o recebe de presente. Os sabonetes são produzidos em vários formatos, cores e fragrâncias e são embalados com capricho e originalidade.

A oficina, que é oferecida pela vice-diretora do PEF, Maristela Miranda, é uma oportunidade não só de aprendizagem, mas também de geração de renda. Em época de crise financeira e de desemprego, saber fazer sabonete pode ser uma saída de sobrevivência e de empreendedorismo.

A técnica é ensinada passo a passo, mas a criação e o resultado dependem da sensibilidade do artesão. Obviamente que quem está começando recebe dicas quanto à apresentação do produto.

Uma apostila ensina vários aspectos da produção, incluindo: técnicas, materiais, modo de preparo, dicas etc.



Prontos para consumo.

Conhecendo um pouco da apostila:

Nas técnicas expostas nesta apostila, serão utilizados para cada quilo de massa:

- 30 ml de essência (se muito concentrada, usar um pouco menos; se pouco concentrada, usar um pouco mais);
- 30 ml de extrato glicólico (no máximo 60 ml; no caso de usar mais de um extrato, a soma de todos não poderá ultrapassar esse limite).
- Corante a gosto (procure não exagerar na quantidade, para que o sabonete não tinja a pele).

Materiais básicos:

- panela esmaltada para derreter a massa em banho-maria, ou pote de plástico para derreter a massa no micro-ondas;
- panela maior para colocar a água do banho-maria;
- micro-ondas ou fogão (fogareiro);
- colher de sopa;
- essências;
- extratos glicólicos;
- corantes;
- tesoura;
- formas diversas;
- plástico bolha;
- faca.

Procedimento

1. Corte a base branca ou transparente em pedaços finos e derreta-os em banho-maria ou no forno micro-ondas. Não deixe a massa ferver.

2. Adicione à base, a essência de erva-doce, o extrato glicólico e um pouco de corante verde.

3. Espalhe pela forma uma pequena quantidade de sementes de erva-doce e borrife um pouco de álcool sobre elas para umedecê-las.

4. Despeje a base sobre as sementes e, se for necessário, misture as sementes com a base ainda molhada, para distribuí-las melhor. Se formar espuma sobre o sabonete, borrife álcool por cima.

5. Caso deseje, salpique mais algumas sementes sobre a base de sabonete, para que as sementes fiquem dos dois lados. Espere secar e retire da forma.

6. Espere cinco minutos e apare as bordas do sabonete com uma faca; embale em filme plástico de cozinha.

Os sabonetes ficam tão lindos e cheirosos que provocam o desejo de mordê-los, principalmente quando aromatizados com essência de frutas.

Luta de Braço: pela formação de nossos jovens

DE Votorantim

ERICA ALVES DA ROCHA (PCNP/PROJETOS ESPECIAIS)



A luta de braço despertando belos sentimentos, emoções e construindo a autoestima de nossa juventude.

O Programa Escola da Família da EE Maria Ignês Araújo Paula Santos (Piedade/SP) iniciou o ano de 2017 com o **Projeto Social: Luta de Braço ajudando na formação de nossos jovens**, uma parceria com o estimadíssimo voluntário esportista Ronaldo Sampaio e com a prefeitura do município.

Ronaldo é técnico da equipe **Renovação**, filiada à **FPLB** – Federação Paulista – e também à **CBLB** – Confederação Brasileira de Luta de Braço –, representante da modalidade esportiva em Piedade/SP.

O projeto apresentado pelo Programa Escola da família tem como objetivo de, com o esporte, envolver jovens da Comunidade, tirando-os das ruas, da ociosidade e das práticas

ilegais nada benéficas, para que se tornem pessoas dignas e cidadãos conscientes de seu valor e de sua importância na sociedade.

A luta de braço (também conhecida como braço de ferro, quebra de braço ou queda de braço) é uma atividade esportiva, em que dois contendores, com um dos cotovelos apoiado sobre superfície horizontal, enlaçam as mãos ou os punhos, e cada um, aplicando força muscular, tenta fazer o adversário desdobrar o braço.

A modalidade esportiva perde-se no tempo, quando se tenta descobrir sua origem; o que se sabe é que tal desafio surgiu muito antes de Cristo.

Para alegria geral, o esporte agradou grande número de participantes da comunidade, o que motivou o esportista Ronaldo Sampaio a reuni-los com sua equipe (Renovação) e levá-los para o Campeonato Paulista de estreantes, na cidade de Capivari, no dia 5 de março de 2017. Nesse primeiro evento do ano, o objetivo era revelar novos atletas para a modalidade. Os estreantes retornaram com várias medalhas, levando nos olhos muito brilho e vivacidade, prontos para novos desafios.



Medalhas conquistadas pelos participantes do *Programa Escola da Família*.

Programa Escola da Família – local de aprendizagem, criação e diversão – DE Tupã

APARECIDA MARTINS CORTEZ (VICE-DIRETORA / PEF)

O mês de março na EE Ary Fonseca (Rinópolis/SP) foi bem agitado e ofereceu à comunidade atividades diversas e comemorações:

- *Dia Internacional da Mulher* (painel decorativo, brindes confeccionados nas oficinas do *Programa Escola da Família*).
- *Campanha de Prevenção contra o Mosquito da Dengue*, com produção de desenhos feitos pelos participantes sobre cuidados necessários: não deixar água acumulada em garrafas, vasos, pneus, sacos de lixo e tampar caixas d'água. *Oficina Hora do Conto*: realizada pelo educador universitário Hugo, que trou-

xe ainda mais informações sobre maneiras de se evitar a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*.

- *Dia Mundial da Água*: criação de painel e oficina de desenho livre e frases sobre a importância de se fazer uso racional da água. A *Oficina Hora do Conto* trouxe literatura sobre a água salgada e a água doce (quantidade existente no planeta, estados físicos em que se encontra etc.).
- Criação de cofrinhos de gesso personalizados, usando-se garrafas PET. Coordenação da educadora universitária Eva.



Hugo, educador universitário, realiza a “Hora do Conto”.

- *Grêmio Estudantil*: discussão das propostas de trabalho das chapas, organização da campanha (cartazes e frases) e do dia da eleição.

As atividades oferecidas aos finais de semana, nesta escola, demonstram entrosamento entre a semana letiva e o PEF e, acima de tudo, muita maturidade. Maturidade que se constitui dia a dia, desde a concepção da escola que se deseja até a sua constituição, passando pelo trabalho dos gestores, educadores, funcionários, comunidades e pelo protagonismo dos alunos.

Artesanato que reaproveita

DE Osasco

MARIA REGINA VECTTORE (VICE-DIRETORA/PEF – PROJETOS ESPECIAIS)

Entre as atividades oferecidas pelo *Programa Escola da Família* estão as oficinas de artesanato que ensinam a reaproveitar materiais, na confecção de objetos utilitários ou decorativos. Embalagens vazias de vidro, plástico, metal e papel transformam-se em objetos interessantes nas mãos de crianças, jovens e adultos. Muitas vezes tal aprendizagem torna-se meio de geração de renda, ou uma forma de distração, de descontração para o público dos finais de semana que frequenta as escolas.

Na EE Antônio de Almeida Júnior (DE Osasco), uma oficina de decoração de garrafa de vidro tem feito bastante sucesso. Vamos a ela:

MATERIAIS

Garrafa de vidro, filtro de papel usado, trincha, cola branca, pratinho, tesoura, tinta fosca para artesanato (cores preta e branca).



PASSO A PASSO



1. Colar o filtro com cola branca na superfície da garrafa. Espalhar mais uma camada de cola para impermeabilizar.



2. Colocar o fundo para cima e deixar secar.



3. Iniciar a pintura, fazendo os risquinhos pretos.



4. Depois fazer os pontinhos brancos.



5. Deixar secar.

Pronto! Agora é só escolher o local onde ela será colocada.

10 passos para o ensino da história indígena

ENTENDA A LEI 11.645 E VEJA O QUE A ESCOLA DO SEU FILHO TEM FEITO DENTRO E FORA DAS SALAS DE AULA PARA CUMPRÍ-LA.

Se você ainda acha que o Brasil foi descoberto em 1500, precisa rever seus conceitos. A história e a cultura deste pedaço de terra a leste de Tordesilhas começou bem antes da chegada das naus portuguesas. E é esta consciência de que o Brasil é anterior a Pedro Álvares Cabral que a escola precisa discutir. É o que prevê a **Lei 11.645**, que obriga o estudo da **história e cultura indígenas** em todas as escolas nacionais de Ensino Fundamental e Médio, desde 2008.

Como a escola do seu filho aborda a nossa origem indígena? Saiba se a escola valoriza nossa história e cultura nativas.

A *Lei 11.645* acrescentou a obrigatoriedade do ensino da cultura e história indígena à *Lei 10.639*, de 2003, res-



ponsável por inserir a história afro-brasileira e africana nos **currículos escolares**. A intenção é fazer com que as questões **indígenas** e **afro-brasileiras** sejam abordadas em disciplinas como **Educação Artística, Literatura e, claro, História do Brasil**.

Sabendo da existência e da importância da *Lei 11.645*, vale ficar de olho no que as instituições de ensino estão fazendo para cumpri-la. Veja abaixo o que a escola do seu filho pode fazer para abordar o conteúdo nas salas de aula e como você, pai, pode contribuir com o processo.

1. POR QUE A LEI 11.645 É RELEVANTE?

Por que ela mostra a importância dos indígenas para a construção da identidade brasileira. Apesar de serem hoje poucos no País, os indígenas influenciaram – e muito – a cultura de todos os brasileiros. *“Ninguém vive isolado absolutamente, fechado entre muros de uma fortaleza. Em qualquer caso, os povos se influenciam mutuamente”*, diz o professor José Ribamar Bessa Freire, coordenador do *Programa de Estudos dos Povos Indígenas* da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre a chamada interculturalidade brasileira. E o que é a interculturalidade? É justamente o resultado da relação entre culturas, como

aconteceu no Brasil entre os indígenas, os africanos e os europeus.

2. QUANTOS SÃO OS INDÍGENAS HOJE NO BRASIL?

Segundo o Censo 2000, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existem no Brasil mais de 734 mil índios. *“A estimativa é de que, atualmente, tenha no País cerca de um milhão de indígenas; aproximadamente 0,5 % da população brasileira”*, diz o professor José Ribamar Bessa Freire, coordenador do *Programa de Estudos dos Povos Indígenas* da UERJ. Esses índios se distribuem entre quase 230 povos, que falam 188 línguas diferentes. Os números espantam quando se considera os quase 6 milhões de indígenas que existiam em nosso país antes da chegada dos colonizadores.

3. E POR QUE É PRECISO PRESERVAR A HISTÓRIA INDÍGENA?

Porque ela diz respeito à história de todos os brasileiros. Como já dissemos, apesar de serem relativamente poucos no Brasil, os indígenas tiveram grande influência na cultura do País. *“Grande parte da população brasileira carrega o sangue indígena em sua formação familiar. Além disso,*

vivemos diariamente as influências indígenas em nossas vidas; nas brincadeiras, nos tipos de alimentos que comemos etc”, diz a professora Andrea Sales, pedagoga e colaboradora do núcleo de pesquisas ProÍndio da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Portanto, preservar a história indígena é manter viva parte da história do povo brasileiro. E é importante reconhecer as origens culturais do Brasil de maneira pedagógica. Garantir esses temas na educação básica permite uma aprendizagem baseada no respeito e na valorização das diferenças culturais.

4. COMO EXIGIR A APLICAÇÃO DA LEI NA ESCOLA DO SEU FILHO?

Uma das formas é participar do Conselho Escolar e opinar no projeto pedagógico da instituição, junto com os professores e gestores de ensino. Fique atento: a *Lei 11.645* diz que os conteúdos referentes à história e cultura indígena e afro-brasileira devem ser ministrados em todo currículo escolar. Especialmente nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira. Em caso de negligência da escola, é indicado entrar em contato com a Secretaria Municipal ou Estadual da Educação de sua região.

5. COMO VOCÊ, PAI, PODE COLABORAR?

A família tem muito a contribuir para a formação dos alunos juntamente com os princípios da *Lei 11.645*. Afinal, se o conteúdo tratado nas escolas não for valorizado dentro de casa, parte do aprendizado do seu filho sobre o assunto poderá ficar comprometida. No Colégio Friburgo, de São Paulo, o procedimento é mandar cartas para os pais explicando a atuação da escola, antes mesmo da abordagem de determinados temas. Segundo a coordenadora da escola, Eni Spimpolo, muitos pais dão retorno. *“Uma vez, um pai que já tinha ido ao Parque Nacional do Xingu [reserva indígena, no Mato Grosso do Sul] pegou os materiais que tinha trazido da viagem e veio à escola dar uma palestra sobre o tema para as crianças”,* conta. O exemplo é aprovado por educadores. Muitos recomendam a colaboração dos pais com sugestões e disponibilização de conteúdos próprios para a escola do filho.

6. QUE PROGRAMAS SÃO LEGAIS?

Saídas a campo são alternativas mais ousadas para abordar a história e a cultura indígena de maneira diferenciada. Além de teatros e museus, que tal conhecer

diretamente a cultura indígena? Confira os lugares recomendados pelos especialistas.

Centro de Lazer e Cultura Toca da Raposa

O *Centro de Lazer e Cultura Toca da Raposa*, em Juquitiba, São Paulo, foi fundado há 15 anos e tem a intenção de abordar temas ambientais sobre a Mata Atlântica no Brasil. No espaço, durante os meses de abril e maio, acontece um intercâmbio cultural entre os indígenas e estudantes para celebrar o mês do *Dia do Índio* (19). A partir da visita, os alunos aprendem um pouco da cultura dos indígenas entrando em contato com instrumentos de caça desse povo e assistindo a uma apresentação dos indígenas, em uma aldeia cenográfica. [...]

Site: www.tocadaraposa.com.br.

Museu do Índio – CICI (Centro de Informação da Cultura Indígena) – São Paulo

No *Museu do Índio*, Embu das Artes, São Paulo, as crianças podem ter contato com objetos usados pelos indígenas das regiões Centro-Oeste e amazônica, como brinquedos, adornos, utensílios domésticos e uma zarabatana (instrumento artesanal indígena), com mais de 4 metros de comprimento. O Museu

é resultado de 42 anos de pesquisa do artista Walde Mar de Andrade e Silva, de 78 anos. “*Após lei de 2008, as escolas passaram a incentivar mais a vinda dos alunos ao Museu*”, conta o fundador. As visitas podem ser feitas com ou sem monitoramento. Há também a opção de agendamento de uma palestra para os alunos como parte do passeio. *Museu do Índio - Rua da Matriz, 54, Centro de Embu das Artes, São Paulo - Telefone: (11) 4704-3278.*

Museu do Índio Funai – RJ

Esse é o museu oficial do indígena no Brasil. Foi criado em 1953, pelo famoso antropólogo Darcy Ribeiro. Hoje, compreende um dos maiores acervos da América Latina sobre a história e cultura das sociedades indígenas contemporâneas. São mais de 68 mil documentos audiovisuais e mais de 125 mil textuais. Escolas públicas, instituições filantrópicas e ONGs não pagam ingresso. Para obter a gratuidade é preciso apresentar um ofício de identificação no dia da visita. O *site* do Museu oferece um sistema de pesquisa escolar que permite a professores, alunos e pais ter acesso a conteúdos específicos sobre questões indígenas. Vale conferir! *Museu do Índio - Rua das Palmeiras, 55, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ - Telefones:*

(21) 3214-8702; (21) 3214-8705; (21) 3214-8729 ou
(21) 3214-8730| Site: www.museudoindio.gov.br |
E-mail: atividade@museudoindio.gov.br

7. COMO O TEMA PODE SER ABORDADO NAS AULAS?

O professor pode partir da curiosidade dos estudantes sobre o assunto, por exemplo. Será que eles sabem das marcas que as línguas indígenas deixaram no português do dia a dia? Explorar a diversidade linguística – a chamada glotodiversidade – pode ser divertido e curioso. Palavras como carioca (casa de branco) e ipanema (rio de pouco peixe) terão novos valores para os estudantes. Segundo um linguista do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp), o ‘R’ que falamos no ‘linguajar caipira’ – chamado pelos pesquisadores de ‘R’ retrofleto –, por exemplo, é um som que tem origem em uma língua indígena falada no interior de São Paulo”, conta o professor-coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas da UERG, José Ribamar Bessa Freire.

Além disso, a abordagem de políticas públicas de inclusão e proteção aos povos oprimidos também é uma boa alternativa. Um ponto de partida, conta a coordenadora do Colégio Friburgo, Eni Spimpolo, é o estudo da atuação dos irmãos Villas-Bôas no País – sertanistas que contribu-

íram com a criação de postos de assistência aos índios, na região central do Brasil, durante a década de 1940. [...]

8. QUAIS AS DIFICULDADES DE APLICAÇÃO DA LEI 11.645 NA SALA DE AULA?

A diferença de recursos entre escolas públicas e particulares, a falta de formação de professores sobre o tema tratado pela lei e a abordagem por vezes estereotipada da história e cultura indígena nos livros didáticos são algumas das dificuldades apontadas por educadores para a real implantação da *Lei 11.645* nas escolas. O MEC (Ministério da Educação) reconhece esses empecilhos e divulga que o documento final da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, realizada em 2009, recomenda algumas medidas para mudar esse quadro. Segundo as resoluções, o Ministério e as Secretarias de Educação devem garantir e ampliar recursos financeiros para a produção, avaliação, publicação e distribuição de materiais específicos relacionados à lei. Entretanto, ainda não se tem notícias da elaboração das “Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Indígena”, como ocorreu com o conteúdo afro-brasileiro e africano a partir da Lei 10.639.

9. COMO PREPARAR OS PROFESSORES PARA QUE CUMPRAM A LEI 11.645?

A dificuldade para uma resposta exata a essa pergunta ocorre por conta da formação dos professores brasileiros. Sabe-se que a maioria deles não tem experiência profunda no ensino da história e da cultura indígena. Apesar disso, segundo a professora Rachel de Oliveira, especialista em relações raciais na educação da Universidade de Santa Cruz, na Bahia, o Estatuto da Pedagogia diz que o professor é obrigado a saber ensinar conteúdos sobre questões étnicas. *“O professor deve repensar sua prática em sala de aula. Não se deve incentivar, por exemplo, apenas festas em que os alunos se pintem de ‘índio’ e saiam dançando como ‘índio’”,* diz Rachel. Ela alerta para que os professores fiquem atentos à utilização de expressões pejorativas, em sala, como esta: *“parece coisa de índio”*.

10. COMO ENCONTRAR MATERIAL ADEQUADO PARA TRABALHAR COM OS ALUNOS?

As **DCNs** (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação) têm a função de orientar e obrigar o ensino de temas específicos nas escolas. [...] Para José Ribamar Bessa Freire, professor-coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas

da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é necessário elaborar uma documentação ampla sobre o ensino indígena para a orientação dos educadores. Como alternativa, o professor indica a *Referência Curricular Nacional para Escolas Indígenas*, produzida pelo MEC. Apesar de o documento ser direcionado para escolas que educam os jovens índios, o seu conteúdo pode servir de exemplo para as demais instituições de ensino. *“O que os índios estão fazendo com a escola pode ajudar o sistema nacional de educação a rever um pouco a prática da Lei 11.645”,* diz Freire. Muitos educadores reclamam da falta de livros didáticos para a abordagem do que se exige nas Leis 11.645 e 10.639. *«O governo precisa assumir que ter acesso a materiais literários sobre esses temas é tão fundamental quanto a própria alfabetização»*, opina Rachel de Oliveira, especialista em relações raciais na educação da Universidade de Santa Cruz, na Bahia. Segundo ela, a produção de livros independentes de literatura indígena vem crescendo no Brasil, e essa pode ser uma boa alternativa para as aulas. Para momentos difíceis em sala, a professora indica a abordagem de questões como a solidariedade e a opressão sobre o outro, base da chamada Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire.

Fonte: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/cultura-indigena-624847.shtml>

Programa Escola da Família: **quem passar por ele nunca mais será o mesmo!** **DE Votuporanga**

O professor Marcelo Barcellos de Farias, da disciplina de Artes, já foi educador profissional e agora é voluntário do PEF, na EE Professor Cícero Usberti, no município de Valentim Gentil. Ele encaminhou à revista *(in)formação* o seguinte relato:

“Aprendi a fazer amigos e a ser amigo, aprendi que ninguém é melhor do que ninguém e que todo mundo é capaz; aprendi a ser gente, porque gente cuida de gente. Se eu fosse dar um conselho sobre o Programa Escola da Família, diria que todos deveriam passar por ele, porque não há ninguém que, tendo passado por ele, tenha permanecido do mesmo jeito.

O Programa Escola da Família é inquietante porque transforma. Ele planta no coração da gente uma semente de humildade, solidariedade e nos torna mais gente do que a gente pode ser.”



Teatralizando.



Ex-educador universitário emociona a Diretoria de Votuporanga

Meu nome é Luiz Antônio dos Santos e posso dizer que a vida nunca facilitou nada em minha caminhada. Voltei a estudar “madurinho”, já com uma linda família constituída; recomecei no Supletivo e Colégio Comercial, à mesma época que trabalhava como pedreiro. Foi difícil, pois tive de correr atrás do prejuízo. Apesar das dificuldades, surgiram também as oportunidades e uma delas foi o *Programa Escola da Família*; com ele consegui vislumbrar uma luz no fim do túnel e vi a possibilidade de um verdadeiro sonho se realizar. Ingressei no curso de Direito da Faculdade Unifev de Votuporanga e fui contemplado com a bolsa após um ano. Assim continuei minha luta, estudei nas madrugadas, trabalhei e prossegui cuidando de minha família, vivi momentos extremamente difíceis como a perda de um filho de 18 anos e um acidente escolar com o caçula, que quase o levou à perda total de um dos olhos. Mesmo assim, com todas as adversidades, continuei estudando e agradecido a Deus pela oportunidade de ter uma bolsa. Resumindo:

concluí o curso de Direito com nota máxima, passei no exame da OAB e hoje advogo em um pequeno, mas promissor escritório.

Nada disso teria sido possível se não fosse primeiramente Deus e, depois, o *Programa Escola da Família*, pois eu não teria tido condições financeiras para finalizar minha graduação, que foi tão sonhada, mas quase impossível de ser conquistada. Se por um lado obtive a bolsa, em contrapartida doeime aos finais de semana, nas escolas por onde passei, tendo o privilégio de conviver com profissionais, com educadores universitários e pessoas das comunidades, podendo trocar, aprender e ensinar. Hoje ainda busco concretizar outros sonhos e estou me preparando para ingressar na Promotoria.

Sei que, assim como eu, outras pessoas também puderam ver seus sonhos saírem das nuvens para se tornarem reais, concretos, trazendo felicidade individual e familiar. Mais uma vez, obrigada ao PEF pela bolsa e pela oportunidade de tornar-me um profissional.



Luiz Antonio dos Santos

Escola faz direitos das mulheres virarem matéria

ANA PAULA BIMBATI



Escola promoveu palestras / Foto: Arquivo/pessoal.

EE NICEIA ALBARELLO FERRARI, EM DIADEMA, ADOTOU COMO “DISCIPLINA” TEMAS COMO MACHISMO E VIOLÊNCIA.

A Escola Estadual Professora Niceia Albarello Ferrari, em Diadema, no ABCD, vai além do proposto no calendário escolar e discute em sala de aula assuntos como machismo e violência contra a mulher.

As atividades acontecem o ano inteiro, mas, em março, quando é comemorado o *Dia Internacional da Mulher*, o tema recebe uma atenção ainda especial. “A ideia é conscientizar a mulher para ela não sofrer calada. O trabalho é um processo muito importante para nós”, afirmou a vice-diretora da unidade, Sueli Azevedo de Moraes.

Durante as aulas, as discussões são feitas visando mostrar que a violência e a desigualdade de gênero não são normais.

“É uma situação (de agressão) difícil de lidar, porque não podemos ser invasivos na vida de uma aluna. Muitas já foram até a minha sala falar. Não é confortável, mas tentamos mostrar a elas a importância da denúncia”, explicou Sueli.

A diretora contou que a experiência de 26 anos na área da educação ensinou muito a ela. “A gente percebe que um aluno convive em um ambiente de violência pelo histórico de disciplina dele dentro da sala de aula”, disse.

No entanto, o debate vai além das disciplinas tradicionais de segunda a sexta-feira. A unidade escolar fica aberta aos fins de semana e adolescentes de outros colégios e mulheres do bairro se deslocam até a Niceia Albarello para aprender conceitos sobre empoderamento feminino e até mercado de trabalho.

Hoje, por exemplo, vão receber um grupo de artesãs para conversar sobre empreendedorismo feminino. Nas próximas semanas, uma delegada de uma DDM (Delegacia da Mulher) irá falar para a comunidade.

“Meninos já reproduzem o machismo”, diz mãe

A auxiliar de enfermagem Damiana Soares, de 52 anos, só tem motivos para agradecer as diversas iniciativas da Escola Estadual Professora Niceia Albarello Ferrari.

O motivo? Todos seus filhos passaram pela unidade e agora sua caçula tem participado das atividades e debates sobre empoderamento feminino.

“O Escola da Família já é um programa superimportante porque dá aula e oficinas muito interessantes, mas essa proposta de discussão entre mulheres é essencial”, afirmou Damiana.

Sua filha Letícia Maria Soares, de 12 anos, pegou gosto pelos debates em sala de aula e, aos sábados, volta à escola para aprender mais. “Ela (Letícia) sente muito medo de sair por causa dos olhares maldosos dos homens. Isso é triste, porque ela acaba ficando trancada dentro de casa”, explicou Damiana.

Para Damiana, muitos meninos adolescentes já reproduzem o machismo, o que afeta o dia a dia da filha e das colegas dela. Além disso, ela disse acreditar que as mulheres vêm ganhando mais espaço, mas ainda há um longo caminho. “Temos muito medo de fazer diversas coisas, e não pode ser assim. A Letícia tem receio de sair com alguma roupa. É inadmissível uma situação dessa. A gente precisa ter coragem de enfrentar e se defender, sabe?”, refletiu.

A enfermeira vai participar de todas as atividades neste mês junto com a filha e as amigas.

Fonte: Diário SP

Programa Escola da Família retoma atividades em Mogi das Cruzes

DATA DA NOTÍCIA: 06/02/2017

Pais e filhos aproveitam aulas de música e esportes.

Estudantes universitários podem participar com projetos.

Nesse fim de semana, as escolas de Mogi das Cruzes voltaram a abrir as portas para a comunidade com o *Programa Escola da Família*. Esta é uma forma de unir os alunos e a própria comunidade. O promotor de vendas Caio César Ferraz de Almeida foi um dos primeiros a chegar à escola em pleno domingo (5). “Hoje é só diversão, mais lazer mesmo.”

Kailany Vitória dos Santos Mailheiro tem 8 anos e adora as atividades. “Eu gosto de brincar de basquete e o que mais gosto é fazer aula de violão aqui.”

E é justamente a aula de violão que mais atrai os estudantes. Na sala de aula, todo mundo fica atento e concentrado. Felipe Adileu é professor voluntário em uma escola estadual em Mogi das Cruzes há seis meses.



Cartazes confeccionados pelos alunos durante atividade do Programa Escola da Família

“Quando conheci a música pensei que poderia ajudar outras pessoas. Quando vi a oportunidade de ajudar as pessoas a tocarem e a se expressarem melhor eu optei em ser voluntário.”

E muitos não teriam oportunidade de aprender se tivessem que pagar pela aula de música. As famílias dos alunos muitas vezes acompanham e vão para a escola. O Lucas Simões, de 10 anos, faz aula com a mãe, o pai e o irmãozinho de 9 meses. “Eles podem presenciar tudo o que posso tocar e aprender.” O pai do menino, Leonildo Moraes Júnior, aprova o interesse pela música, mas cobra boas notas. “A gente cobra isso, se ele quer algo precisa estudar. É uma troca. Se quer fazer aula de violão, futebol, precisa estudar também.”

Quando a família sabe negociar, tem acesso à escola, mesmo que seja nesses momentos mais descontraídos, os estudantes acabam criando uma identificação maior com a unidade escolar e isso reflete no dia a dia, no aprendizado em sala de aula. “Além do dever, o aluno se sente confiante de vir à escola e cuida do patrimônio.

Eles também respeitam o professor e a escola se torna a segunda casa deles”, explicou Gilberto Aparecido Alves, que é vice-diretor do *Programa Escola da Família*.

O programa é realizado em 27 escolas de Mogi das Cruzes, totalizando 85 voluntários e 25 universitários parceiros. Eles ganham bolsa de estudos e trabalham aos fins de semana. Ariana Carneiro é uma delas e está no 6º semestre de engenharia de produção. Ela teve os projetos aprovados para participar do programa há um ano meio. “Nós desenvolvemos na escola o informática digital, com introdução à informática para crianças, adolescentes e adultos. E temos atividades de recreação com brincadeiras que eles não têm mais, como bambolê, pebolim, pião etc.”

Os interessados em fazer parte do programa podem procurar a Secretaria Estadual da Educação, que fica com inscrições abertas o ano todo. Para participar é preciso criar um projeto de cultura, esporte, prevenção à saúde ou geração de renda e se inscrever direto na escola. Outras informações podem ser obtidas na internet.

Inspire-se em projetos da Escola da Família e saiba como ser um voluntário

PROGRAMA OFERECE ATIVIDADES GRATUITAS PARA A COMUNIDADE AOS FINAIS DE SEMANA.

A rede estadual paulista de ensino possui cerca de 2,2 mil unidades escolares que participam do *Programa Escola da Família* com atividades culturais e gratuitas para toda a comunidade aos finais de semana. São mais de 11 mil voluntários que se dedicam a fazer o Programa acontecer.

Se você tem um projeto inovador em um dos quatro eixos do PEF (cultura, esporte, prevenção à saúde e geração de renda), pode ser um voluntário. Basta preencher o Termo de Adesão, informar seus dados pessoais e suas motivações para tornar-se um voluntário e entrar em contato com uma escola participante do Programa. Seu projeto será avaliado e, caso seja aprovado, a equipe do Programa vai adaptá-lo à realidade da comunidade.



Escola da Família: alunos de São José dos Campos constroem robô

PROJETOS PARA SE INSPIRAR:

ROBÓTICA

O projeto audacioso da EE Alceu Maynard Araújo, de São José dos Campos, levou os estudantes aos EUA para participar da FIRST (For Inspiration and Recognition of Science and Technology), maior competição de robótica do mundo. O projeto teve início em 2016 e já chegou longe!

INCLUSÃO

O esporte tem um grande poder de inclusão social. Isso se ratifica cada vez mais na EE Joaquim Braga de Paula, na capital. Aos sábados, a unidade oferece à comunidade escolar aulas de capoeira, que são ministradas por um professor voluntário, há aproximadamente quatro anos. Todo mundo pode participar do projeto e, o mais legal, é que pessoas com deficiência que moram no entorno da escola também podem.

MÚSICA

A música, aliada à força de vontade e disposição para ajudar, pode ser um largo caminho para a transformação da sociedade. Na EE José de Campos Camargo essa força foi transportada para além dos muros da escola com o projeto “Cantar e Contar Histórias, um Ato de Amor e Generosidade”. Os alunos aprenderam a tocar instrumentos e se apresentaram para os idosos do abrigo Dr. Bezerra de Menezes.

GRAFITE

Transformar e tornar mais atrativo o ambiente escolar é a proposta do projeto “A Rua Salva”, do artista plástico Rone Marcondes, da EE Jardim Maria Luiza, em Cajamar. As ações contemplam oficinas sobre técnicas de grafite para alunos, pais de alunos e moradores da comunidade, e também a execução da pintura nos muros da escola.



Foto: A2img / Daniel Guimarães



Foto: Daniel Guimarães

Fonte: <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/inspire-se-em-projetos-da-escola-da-familia-e-saiba-como-ser-um-voluntario>

Serra Negra promove curso gratuito de produção de ovos de Páscoa

DATA DA NOTÍCIA: 02/03/2017

As aulas serão ministradas em quatro escolas estaduais da cidade.

Inscrições devem ser feitas presencialmente nas instituições de ensino.



Serra Negra promove curso de chocolates
Foto: Patrícia Rodelli Amoroso / Prefeitura de Serra Negra

O Fundo Social de Solidariedade de Serra Negra (SP), em parceria com o programa estadual *Escola da Família*, promove, durante o mês de março, um curso gratuito de produção de ovos de Páscoa com 60 vagas.

As aulas serão realizadas em quatro escolas estaduais do município, com 15 vagas para cada uma. As inscrições podem ser feitas diretamente nas instituições de ensino.

Nos dias 9 e 10 de março o curso será na EE Deputado Romeu de Campos Vergal e na EE Lourenço Franco de Oliveira, das 18h30 às 21h30. Já nos dias 13 e 14, as aulas ocorrem no mesmo horário nas escolas Doutor Jovino Silveira e Professora Maria do Carmo de Godoy Ramos.

Mais informações podem ser obtidas diretamente no Fundo Social de Solidariedade de Serra Negra pelo telefone (19) 3842-2466.

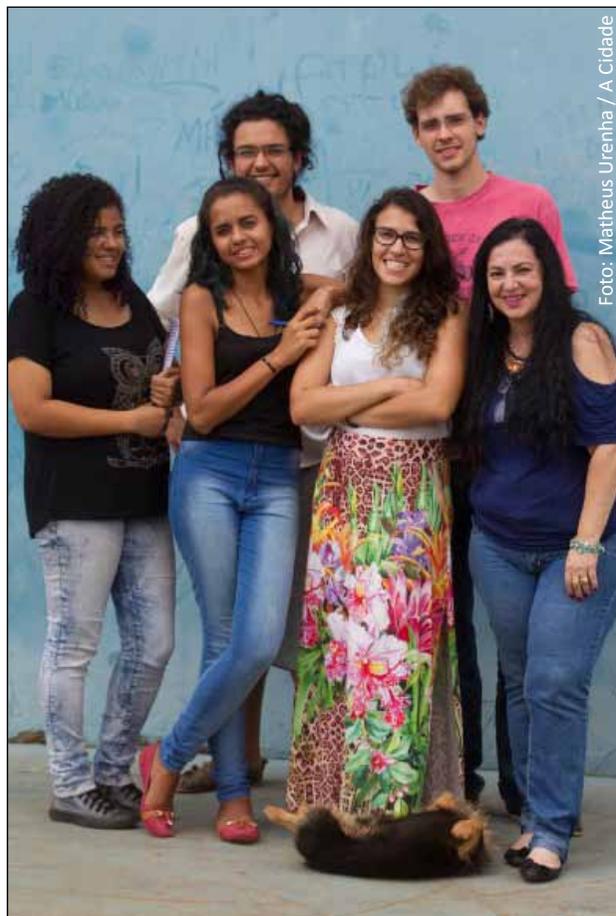


Curso de chocolates será promovido em escolas
Foto: Patrícia Rodelli Amoroso / Prefeitura de Serra Negra.

Fonte: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/concursos-e-emprego/noticia/2017/03/serra-negra-promove-curso-gratuito-de-producao-de-ovos-de-pascoa.html>.

Cursinho gratuito forma alunos e cidadãos em Ribeirão Preto

EXPERIÊNCIA É REALIZADA DESDE 2015 EM UMA ESCOLA DO JARDIM PAIVA.



Alunos e professores do cursinho preparatório criado em uma escola do Paiva II.

Ana esconde o sorriso e parece viver o pior de seus pesadelos ao dar entrevista – mesmo estando acostumada aos palcos do teatro. Carol distribui sorrisos em cada final de frase e segura firme a mão da amiga nervosa. Além da amizade, o que têm em comum é o desejo de cuidarem do próximo no futuro: uma quer ser pedagoga e a outra, médica.

Apesar de morarem no mesmo bairro – Jardim Paiva –, as meninas não se conheciam. O que as uniu foi o cursinho popular preparatório para o vestibular, oferecido aos finais de semana, na Escola Estadual Jardim Paiva II. As aulas são dadas gratuitamente por alunos da Universidade de São Paulo (USP), que além das disciplinas regulares (Português, Matemática, História e Biologia) também oferecem atividades extras, como o plantio de árvores e aulas de teatro.

Aos 18 anos, ambas concluíram o Ensino Médio no ano passado e já tiveram suas primeiras experiências

com o vestibular. *“Eu estava muito despreparada, porque nunca tinha feito o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)”*, conta Ana Cláudia Souza.

Já Carla Caroline Lopes de Moura, a Carol, foi mais tranquila fazer a prova e saiu dela surpresa. *“Fui pensando que era fácil, mas engano meu. Percebi o quanto a preparação faz falta e voltei com uma ideia diferente”*, revela a jovem.

Oficialmente as aulas no Cursinho começaram somente em 2016, mas desde o ano anterior, professores já “recrutavam” alunos na própria escola. Aluna do Paiva II, Ana foi um deles. *“Passaram nas classes divulgando e pegando os nomes de quem gostaria de participar. Coloquei o meu na lista e desde então nunca mais saí”*.

Um dos idealizadores do cursinho é Gabriel Pereira, estudante de Medicina, de 23 anos. Ele conta que a ideia surgiu em 2014, mas só no final de 2015 é que encontrou uma instituição que abraçasse a proposta. *“Fizemos uma parceria com a escola para esse projeto, que visa promover o acesso ao vestibular e, ao mesmo tempo, formar o aspecto humano dos alunos.”*

Também professor, ele explica que o programa foi pensado para ir além da sala de aula e formar também o aluno como cidadão. *“Buscamos oferecer atividades culturais, trouxemos o pessoal do Sarau Preto para fazer*

alguns saraus aqui, fizemos oficina de teatro, trabalhos de educação ambiental. Tudo é parte da proposta.”

Uma das “mães” do projeto é a vice-diretora do *Programa Escola da Família*, Lucimara Zeotti. *“Já era uma vontade antiga da direção da escola, tirar do papel algo assim para nossos alunos, e quando surgiu a oportunidade agarramos e fizemos de tudo para que acontecesse”*, explica.

Escola do Estado ajuda com alimentação gratuita aos alunos

Além da estrutura física, a Escola Estadual Jardim Paiva II também colabora oferecendo uma refeição aos alunos e professores, já que as aulas acontecem durante todo o dia. *“Nós sabemos que alguns vêm de longe e não têm condições de arcar com a despesa de um almoço. Fazemos o possível para que nossos estudantes se sintam motivados e continuem a buscar um futuro melhor”*, afirma Lucimara Zeotti

Da lista de vestibulares, o primeiro desafio das meninas é o ENEM. Confiantes, elas já não sofrem por falta de preparação. *“O cursinho nos preparou bem, tanto em questão de estudo quanto para entender como funciona a prova. Hoje entendo que é muito mais interpretação do que só saber um conteúdo específico ou outro”*, esclarece Ana.

Voos mais altos

Atualmente as aulas acontecem somente aos sábados e domingos, mas a intenção é que o projeto ganhe novas proporções. *“Queremos passar a contar também com o período da tarde durante a semana, dando aulas e aumentando essas atividades culturais e de formação extracurricular”*, explica Gabriel.

No cursinho do Paiva II, a mais valiosa lição aprendida não tem nada a ver com números ou regras gramaticais, mas, com esperança e chance de um futuro diferente.

“Cada professor aqui nos ajudou de uma forma. A

oportunidade de fazer um cursinho e de poder nos preparar para esse momento tão importante da vida ajudou a ampliar nossos horizontes e a enxergar quão longe a gente pode ir”, finaliza Carol.

Que tal conhecer o projeto?

As aulas no Cursinho Popular do Paiva II são abertas à comunidade e acontecem aos sábados e domingos, a partir das 8h30. Para conhecer o trabalho, é só dar uma passadinha por lá nesses dias, ou buscar mais informações pelo telefone (16) 3630-3285.

Colaboração: Jessica Ribeiro

Fonte: <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/bairros/oeste/NOT,2,2,1207286,Cursinho+gratuito+forma+alunos+e+cidadãos+em+Ribeirao+Preto.aspx>

Assista ao link do vídeo:

<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/onplay/VID,0,0,58254,Cursinho+gratuito+forma+alunos+e+cidadãos+em+Ribeirao+Preto.aspx>

Diretoria de Ensino de Apiaí promove posse dos Grêmios Estudantis na Câmara Municipal

DATA DA NOTÍCIA: 02/05/2017

A solenidade de posse contou com a presença do Prof. Nelson Néri, vice-prefeito de Apiaí, do vereador Daniel Rosa, vice-presidente da Câmara Municipal, da Profª Ana Paula Dorini Santos, dirigente regional de ensino, da supervisora Mariza Ferreira e do Prof. Oziel de Pontes, coordenador regional do *Programa Escola da Família*, além de contar com a presença de diretores de escola, vice-diretores, funcionários, pais e alunos.

Participaram do evento a EE Profª Regina Dias Antunes, EE Profª Sylvia Noemia de Albuquerque Martins, EE Profª Rosária Januzzi, EE Profª Ambrosina de Oliveira Mattos, EE Profª Júlia Ribeiro Bretas, EE Profª Ambrosina de Oliveira Mattos e EE Profª Oswaldina Santos.

O Grêmio é a organização que representa os interesses dos estudantes na escola. Ele permite que os alunos discutam, criem e fortaleçam inúmeras possibilidades de ação tanto no próprio ambiente escolar quanto na comunidade. O Grêmio é também um importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos. Por isso, é importante deixar claro que um de seus principais objetivos é contribuir para aumentar a participação dos alunos nas atividades de sua escola, organizando campeonatos, palestras, projetos e discussões, fazendo com que eles tenham voz ativa e participem – junto com pais, funcionários, professores, coordenadores e diretores – da programação e da construção das regras den-

tro da escola. Para resumir: um Grêmio Estudantil pode fazer muitas coisas, desde organizar festas nos finais de semana até exigir melhorias na qualidade do ensino. Ele tem o potencial de integrar mais os alunos entre si, com toda a escola e com a comunidade.



A Diretoria de Ensino – Região de Apiaí, por meio do *Programa Escola da Família*, promoveu no dia 19 de abril, a *Sessão Solene de Posse dos Grêmios Estudantis das Escolas do Município de Apiaí*, nas dependências da Câmara Municipal.

Fonte: <https://deapiai.educacao.sp.gov.br/diretoria-de-ensino-de-apiai-promove-posse-dos-gremios-estudantis-na-camara-municipal/>.

A gênese pelos guaranis

PEDRO LUÍS MACENA KARAIRYAPUA*



Pedro Luís é um acervo vivo da cultura guarani

Um certo dia, quando todos os irmãos guaranis estavam reunidos na Casa de Reza¹, Tiramãe² contou como foi que o mundo foi criado por Nhanderu³.

Nhanderu, que nunca tivera pai nem mãe, certa vez decidiu descer das nuvens empunhando seu bastãozinho, e, flutuando, pairou sobre as águas. Naquela época, não havia nem sinal de terra.

Apesar de Nhanderu ser poderoso, ele percebeu que o ato de criar envolveria bastante trabalho. Então, resolveu voltar ao seu lugar de origem e lá ficou matutando sobre algumas coisas que seriam necessárias. Novamente voltou às águas, só que agora trazendo um punhado de terra. E o que Nhanderu fez? Ele começou a salpicá-la

1. Casa de Reza: local sagrado da aldeia, onde se pratica a medicina tradicional indígena (associação de ervas curativas com rezas). A cura é trabalhada na carne e no espírito. Também é um espaço consagrado à transmissão da cultura, que é feita de geração para geração, e à celebração e festas, que sempre se realizam com músicas e danças.

2. Tiramãe: líder espiritual.

3. Nhanderu: deus supremo, criador de tudo e de todos.

na água, e assim teve início a criação. Nesse momento, percebeu que se contasse com a ajuda de um colaborador, tudo seria realizado com mais facilidade. Eis, então, que teve a ideia de criar o tatu, que tinha a habilidade de trabalhar com o focinho e, assim, foi empurrando a terra para a frente, conseguindo espalhá-la, e com essa técnica resultaram quatro “cantos”.

Nhanderu sentiu que a criação não poderia se restringir apenas à terra firme. Tratou então de, rapidinho, criar as plantas e outros animais. E como a água era salgada, resolveu presentear a vida na terra com a doce, e assim surgiram quatro nascentes. O líquido que dali saía ia buscando caminhos e fazendo desenhos sinuosos e bonitos.

E como uma coisa vai puxando outra, Nhanderu criou quatro deuses – Karai, Nhamandu, Diakairá e Tupã – para também auxiliarem na criação. E ele lhes disse:

– Vocês poderão criar seus próprios assessores, mas não se esqueçam de que eu, Nhanderu, sou o Deus Supremo!

Ao perceberem que o trabalho não seria brincadeira, imediatamente acataram a ideia e criaram seus assessores. A primeira tarefa deles foi elaborar o Regimento do Além, que orientou o plano de criação de muitas outras coisas existentes na natureza: as plantas, os rios, os mares, os bichos, o vento, a noite, o dia, as estrelas, enfim,

tudo o que existe na terra, nos ares e nas águas. E a cada um deles foi atribuído um espírito protetor.

Bem, e quanto ao homem e à mulher?

Quanto a esses, Nhanderu resolveu que ficariam sob seus cuidados, e atribuiu-lhes duas importantes responsabilidades: a de fortalecerem o corpo com a variedade de alimentos provenientes da natureza, e de nutrirem o espírito com ensinamentos e palavras que trouxessem sabedoria. Sabedoria para viver, conviver e respeitar tudo o que foi criado por Nhanderu.

***Pedro Luís Macena Karairyapua:** Indígena guarani da aldeia do Jaraguá e auxiliar de coordenação cultural do CECI – Centro de Educação e Cultura Indígena Jaraguá. A gênese narrada por ele faz parte da tradição oral da aldeia, onde cada homem e mulher é patrimônio cultural vivo. Faz parte do cotidiano indígena contar e ensinar histórias e sabedorias, acumuladas durante os tempos, às gerações mais novas. Pedro Luís ressaltou que a grande marca do povo guarani é a sua relação de respeito com a natureza, pois em tudo o que há nela enxergam o amor, a sabedoria e a força de Nhanderu.

